



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores

Curso de Licenciatura em Geografia

LAÍS LIRA VELOSO DE FARIAS

**O TECER DAS MEMÓRIAS: os desenhos das paisagens infantis nos espaços  
públicos de brincar na cidade de Igarassu – PE**

Recife

2023

LAÍS LIRA VELOSO DE FARIAS

**O TECER DAS MEMÓRIAS: os desenhos das paisagens infantis nos espaços públicos de brincar na cidade de Igarassu – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Nielson da Silva Bezerra

Coorientador: Profa. Ms. Clezia Aquino de Braga

Recife

2023

F244t  
2023

Farias, Laís Lira Veloso.

O tecer das memórias: os desenhos das paisagens infantis nos espaços públicos de brincar na cidade de Igarassu - PE / Danielle Charles Castro. --- Recife: O autor, 2023. 63f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

Inclui Referências

Orientador: Professor M.e. Nielson da Silva Bezerra.

1. Geografia. 2. Paisagens. 3. Espaços públicos. 4. Igarassu. I. Título. II. Bezerra, Nielson da Silva (orientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 333.91 (22 ed.)

LAÍS LIRA VELOSO DE FARIAS

**O TECER DAS MEMÓRIAS: os desenhos das paisagens infantis nos espaços públicos de brincar na cidade de Igarassu – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 4 de agosto de 2023 pela Banca Examinadora:

---

Nielson da Silva Bezerra (IFPE/CGEO) – Orientador  
Mestre em Educação – UFPE

---

Clézia Aquino de Braga (IFPE/CGEO) – Coorientadora  
Mestra em Geografia – UFPE

---

Éder Geovani da Paz Oliveira  
(Rede Privada de Ensino/PE) – Examinador  
Externo Mestre em Desenvolvimento Regional –  
UEPB

---

Fernanda Guarany M. Leite (IFPE/CGEO) – Examinadora Interna  
Mestra em Educação – UFPE

Recife

2023

Dedico este trabalho às crianças do 5.º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, e às suas infâncias brincantes que alegam os lugares da cidade.

## AGRADECIMENTOS

À princípio, gostaria de agradecer a Deus por estar sempre iluminando os meus caminhos nesta trajetória. Agradeço aos meus familiares e amigos que sempre serão a base que me acolhe, me dá conselhos de vida e vibra comigo nas conquistas da vida; sem essas pessoas não conseguiria chegar aonde estou. Agradeço a uma pessoa em especial, que não está comigo neste momento, mas que sempre estará em meu coração para o resto da minha vida, que é minha vó Cremilda Veloso, a pessoa que me criou e fez de tudo para que eu recebesse a melhor educação possível. Agradeço aos meus pais, Ricardo e Suely, pelo apoio e carinho, e às minhas irmãs, que são a minha vida, Thais e Nataly. Agradeço a Renata por me ajudar a fazer os mapas presentes neste estudo. Agradeço aos meus amigos e colegas da turma de Licenciatura em Geografia 2019.1 que me acompanharam durante a graduação, principalmente aos mais próximos, Jhon, Jhowan, Nathália e Elton. Ao meu Orientador, Nielson da Silva Bezerra, e a minha Coorientadora, Clezia Aquino: vocês são professores essenciais para mim nesta jornada, em razão de todo o acolhimento, atenção, carinho e compreensão, não só comigo, mas também com outros estudantes. Às minhas parceiras de pesquisa e extensão, Alice e Marlla, que fizeram que me apaixonasse pela Geografia da Infância: muito obrigada, meninas! Agradeço aos meus professores da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Pernambuco: o professor Aduino Gomes, a professora Manuella Vieira, a professora Fernanda Guarany, o professor Mário Melo, o professor Enildo Gouveia, o professor Wedmo Rosa, o professor Maciel Carneiro, o professor João Henrique, o professor Eberson, o professor Marcelo Miranda, o professor Igor Sacha, a professora Márcia, em memória, o professor Marcos Valença, o professor Jozadaque, a professora Ana Paula Torres e a professora Edlamar Santos. Muito obrigada por formarem em mim uma profissional da educação. Seus ensinamentos me fizeram evoluir em conhecimentos, por isso sou muito grata a todos vocês. Não poderia deixar de agradecer às pessoas que fizeram parte da minha pesquisa, que me deram suporte e tornaram este estudo possível. Assim, em especial, agradeço à gestão e às professoras da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira por esta parceria, pelo espaço cedido para realização desta pesquisa; portanto, agradeço à gestora Alessandra, à coordenadora da escola Ítala, e às professoras Jardielle e Jackeline

pelo acolhimento que me deram e por toda a ajuda necessária que vocês me forneceram para a coleta de dados em sala de aula e fora dela. Meu agradecimento com todo o carinho do mundo também vai para os principais sujeitos desta pesquisa, que são as crianças do 5.º ano do Ensino Fundamental e aos seus pais e responsáveis por aceitarem participar da minha pesquisa; sem os seus desenhos, esta pesquisa não teria a alegria e o colorido que tem. Obrigada a todos os envolvidos na minha formação e construção acadêmica.

*“A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde, é quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo.”*

*(Mia Couto, em “E se Obama fosse africano?”)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a paisagem do brincar de crianças do 5.º ano da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, no município de Igarassu/PE. Neste sentido, através dos pressupostos estabelecidos pela Geografia da Infância, entendemos a necessidade de explorar os espaços públicos para brincar dessas infâncias, sob suas perspectivas. Visto que o desenho é uma das principais formas de expressão na infância, utilizamos atividades com mapas afetivos para analisar os lugares e as paisagens infantis do brincar, e compreender suas noções espaciais e cartográficas, a partir do letramento geográfico e da alfabetização cartográfica. A metodologia utilizada neste estudo se caracteriza por ser de cunho qualitativo e participativo, dividida em três fases: a primeira é constituída pela compreensão das crianças sobre o conceito de paisagem e os elementos que a compõem, tanto os naturais como os urbanos; na segunda fase, trabalhamos a paisagem sob a perspectiva do movimento e do sentir através do brincar; por último, realizamos entrevistas semiestruturadas para entender os significados e as ressignificações dos lugares representados. O lugar e a paisagem atuam juntos, despertando o sentimento de pertença do ser ao seu espaço vivido e criando memórias que são tecidas na construção social e cultural de cada indivíduo atuante neste meio. As questões investigativas que balizam o nosso estudo são: Como as crianças percebem e concebem a paisagem? Há relação entre a paisagem e o brincar? Qual é o papel da memória na construção da paisagem para crianças? Por meio dos resultados obtidos, pudemos concluir que existem diversas formas de representação da paisagem e do lugar de brincar dentro de um mesmo espaço, onde os indivíduos percebem e concebem o espaço geográfico a partir de suas vivências. Nas análises dos desenhos, percebemos que as crianças dão destaque às suas territorialidades nos espaços públicos de brincar, e sempre dão visibilidade aos seus espaços de brincar, até mesmo quando esses lugares possuem espaços para o lazer dos adultos. Assim, os espaços e as paisagens representadas pelos estudantes do 5.º ano são as suas ruas, a praça, o campo de futebol e o Sítio Histórico da cidade de Igarassu.

Palavras-chave: Paisagem; lugar; infância.

## ABSTRACT

This research aims to understand the play landscape of 5th-grade children at the Municipal School Vereador José Francisco Ferreira in the municipality of Igarassu – PE. In this sense, through the assumptions established by Childhood Geography, we recognize the need to explore public spaces for these childhoods' play from their perspectives. Viewing drawing as one of the main forms of expression in childhood, we used activities with affective maps to analyze the places and landscapes of children's play, as well as to understand their spatial and cartographic notions through geographic literacy and cartographic literacy. The methodology used in this study is characterized as qualitative and participatory, divided into three phases: the first phase consists of understanding the children's concept of landscape and its components, both natural and urban; in the second phase, we work on the landscape from the perspective of movement and feeling through play; finally, we conducted semi-structured interviews to understand the meanings and resignifications of the represented places. Place and landscape work together, arousing the feeling of belonging of the individual to their lived space, creating memories that are woven into the social and cultural construction of each active individual in this environment. The investigative questions that guide our study are: How do children perceive and conceive the landscape? Is there a relationship between landscape and play? What is the role of memory in the construction of the landscape for children? Based on the results obtained, we could conclude that there are various forms of representation of the landscape and the play space within the same area, where individuals perceive and conceive the geographical space based on their experiences. In the analysis of the drawings, we noticed that children emphasize their territorialities in public play spaces, always giving visibility to their play spaces, even when these places have areas for adult leisure. Thus, the spaces and landscapes represented by the 5th-grade students are their streets, the square, the soccer field, and the Historical Site of the city of Igarassu.

Keywords: landscape; place; childhood.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de Igarassu/PE	25
Figura 2 – Escola campo de estudo	26
Figura 3 – Sala de aula do 5.º Ano	27
Figura 4 – Livro Didático de Geografia 5.º Ano	29
Figura 5 – Igarassu Sítio Histórico	41
Figura 6 – Campo de futebol (O Poeirão)	43
Figura 7 – Praça de Cruz de Rebouças	45
Figura 8 – Rua Canário do Império	50
Figura 9 – Rua dos Lírios	51
Figura 10 – Rua da Saudade	53
Figura 11 – Rua do Meio	55

## LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 – Paisagem urbana e natural da criança 1	35
Desenho 2 – Paisagem urbana e natural da criança 2	36
Desenho 3 – Paisagem urbana e natural da criança 3	36
Desenho 4 – Paisagem urbana e natural da criança 4	37
Desenho 5 – Paisagem urbana e natural da criança 5	38
Desenho 6 – Paisagem urbana e natural da criança 6	38
Desenho 7 – Brincando de pipa no Sítio Histórico	42
Desenho 8 – Brincando de Futebol no Poeirão	44
Desenho 9 – Brincando de Futebol	46
Desenho 10 – Parque de Cruz de Rebouças	48
Desenho 11 – Brincando de bola	50
Desenho 12 – Jogo de Futebol	52
Desenho 13 – Brincando de cabo de guerra	54
Desenho 14 – Brincando de pipa na rua	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 A PAISAGEM SOB AS LENTES DA INFÂNCIA</b>	<b>16</b>
2.1 Geografia da Infância: as crianças como seres histórico-culturais formadoras da paisagem	16
2.2 As paisagens das infâncias nos espaços públicos de brincar	19
2.3 As contribuições do brincar para o desenvolvimento espacial	20
2.4 Cartografia do afeto: entre desenhos e memórias	22
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>24</b>
3.1 Município de Igarassu	25
3.1.1 <i>Contextualização da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira</i>	26
3.1.1.1 A sala de aula do 5.º Ano do Ensino Fundamental I	27
3.2 O mapa das paisagens das crianças do 5.º ano	30
3.3 Os desenhos do lugar e as paisagens brincantes	32
<b>4 OS MAPAS DAS PAISAGENS QUE NOS CERCAM E AS PAISAGENS QUE CRIAMOS NO NOSSO IMAGINÁRIO</b>	<b>34</b>
4.1 As representações dos elementos dos lugares e da paisagem	35
<b>5 O BRINCAR NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NA CIDADE DE IGARASSU / PE</b>	<b>40</b>
5.1 Igarassu Sítio Histórico	41
5.2 O campo de futebol Severino Tavares Uchôa (O Poeirão)	43
5.3 A praça de Cruz de Rebouças	45
5.3.1 <i>Uma outra perspectiva sobre a praça de Cruz de Rebouças</i>	47
5.4 As territorialidades das infâncias: ruas como quintais para brincar	49
5.4.1 <i>Rua Canário do Império</i>	49
5.4.2 <i>Rua dos Lírios</i>	51
5.4.3 <i>Rua da Saudade</i>	53
5.4.4 <i>Rua do Meio</i>	55
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada com estudantes do 5.º ano da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, localizada na cidade de Igarassu/PE, uma das escolas parceiras do projeto de extensão em Geografia da Infância do IFPE (Instituto Federal de Pernambuco), do curso de Licenciatura em Geografia, *Campus Recife*. O projeto de extensão do qual faço parte há cerca de três anos é intitulado como: “A espacialização do letramento e os números do lugar: contribuições da Geografia da Infância para o Ensino Fundamental”. Dessa forma, por meio da Geografia da Infância, buscamos compreender os espaços geográficos infantis a partir da ludicidade, visto que as crianças, como seres histórico-culturais, também são desenvolvedoras de suas próprias geografias, que as tornam um ser-mundo.

O contato e a troca de conhecimentos com as crianças e professoras do 5.º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira me despertaram o interesse de aprofundamento neste novo campo de estudo que surge na Geografia. A partir das atividades propostas pelo projeto às crianças – contação de histórias, criação de gibis, atividades com desenhos e teatro de bonecos –, meu interesse pela temática ficou ainda mais estimulado. Assim, escolhi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso nesta linha de estudo.

O objeto de estudo deste trabalho são as paisagens e os lugares infantis de brincar, que foram cartografados pelos estudantes do 5.º ano através de desenhos. Utilizamos o letramento geográfico e a cartografia como instrumentos didático-pedagógicos para atingir os resultados esperados com a realização das atividades propostas na metodologia deste estudo. Entendemos o letramento como potencializador das perspectivas espaciais, sociais e culturais da criança com o seu meio de vivência. Dessa forma, juntamente com a cartografia, tais perspectivas tornam-se ferramentas essenciais para exploração dos espaços infantis, que permite a investigação desses mundos plurais.

Neste sentido, nossa metodologia se caracteriza por ser de cunho qualitativa e de caráter participativo, visto que foi realizada a partir do Projeto de Extensão em Geografia da Infância, no acompanhamento das aulas de Geografia dos estudantes

do 5.º ano neste primeiro semestre de 2023.1. A turma ministrada pela professora pedagoga é formada por cerca de 27 (vinte e sete) estudantes matriculados no turno matutino. Nossa coleta de dados se dividiu em três fases; a intenção deste estudo não é apenas compreender as paisagens e os lugares de brincar, mostrados pelas cartografias afetivas, mas também contribuir para o ensino e a aprendizagem das categorias da Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental I, para que os estudantes estejam mais preparados quando forem ao Ensino Fundamental II.

Nesta perspectiva, na primeira intervenção realizada, o nosso foco foi fazer um diagnóstico cartográfico e paisagístico por meio, também, de desenhos, visando à compreensão do que as crianças entendiam sobre as paisagens neste primeiro momento. Realizamos o mesmo movimento na segunda intervenção, em que os estudantes desenharam seus espaços públicos de brincar, e fizemos um comparativo entre as duas respostas apresentadas.

As categorias *paisagem* e *lugar* são a porta de entrada para a manifestação do espaço vivido. Os espaços e paisagens infantis podem ser expressos em atividades que desenvolvem o aspecto cognitivo e a criatividade das crianças. Dentre essas atividades encontram-se o brincar e o desenho, visto que toda criança tem seu repertório já estabelecido anteriormente em sua família, com a transmissão de costumes e valores. A partir do brincar, haverá a troca desses valores pois nos gestos são expressos emoções e sentimentos. O brincar dessa forma vai além da troca de costumes entre os pares, ele possibilita o olhar e afetividade da criança sobre seus espaços geográficos.

Observando o brincar como elemento fundamental para a formação da identidade individual infantil juntamente ao ato coletivo de brincar, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a paisagem do brincar de crianças do 5.º ano da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, no município de Igarassu-PE, a partir da interpretação de suas memórias manifestas em desenhos.

Nossos objetivos específicos são: discutir o conceito de paisagem com crianças do 5.º ano do Ensino Fundamental na escola parceira; identificar as paisagens afetivas das crianças do 5.º ano da escola parceira; e investigar uma possível relação entre paisagem e o ato de brincar entre as crianças do 5.º ano da escola parceira.

Acreditamos que este estudo irá contribuir para ampliar nossos conhecimentos acerca da paisagem enquanto categoria de análise da geografia.

## **2 A PAISAGEM SOB AS LENTES DA INFÂNCIA**

Na Geografia Acadêmica, há necessidade de ampliar os estudos que tratam as infâncias e suas pluralidades, devemos observar as crianças como seres produtores de geografias. Essa forma de ver e pensar o mundo sob as lentes da infância deve ser exteriorizada pelos diversos modos de expressão, tais como desenhos, gestos e brincadeiras impulsionados a partir do letramento geográfico e da alfabetização cartográfica. Nosso estudo segue esse caminho porque entende que as crianças são capazes de construir suas próprias geografias através dos seus sentidos e afetos, gerados pela troca de experiências vividas com as paisagens que as cercam.

Destarte, a Geografia da Infância, como uma nova interpretação da ciência geográfica, vem quebrando paradigmas, trazendo contribuições que permitem uma maior compreensão sobre os espaços geográficos. Seguindo esta linha de pensamento, apresentamos, a seguir, as colaborações do olhar infantil para o estudo das paisagens.

### **2.1 Geografia da Infância: as crianças como seres histórico-culturais formadoras da paisagem**

A infância é a fase da vida em que aprendemos os valores e as normas que são impostas pelas instituições sociais humanas. Muitos desses valores são passados pelas gerações com a finalidade de nos educar para a vida em sociedade. Assim, de acordo com Castro (2001, p. 23), “a criança precisa ser cuidada e protegida pelo adulto, portanto, ela é incapaz de ser porta-voz de seus próprios desejos e direitos, e torna-se dependente do adulto para que este aja como seu porta-voz único e absoluto.” A problemática que surge nesta questão se deve ao modelo fundamentado no excesso de cuidado ou a ausência total deste, o que acaba se transformando em cerceamento por um lado ou abandono por outro, que, muitas vezes, impede ou prejudica o desenvolvimento infantil. Além disso, ao contrário de Castro (2001), acreditamos que as crianças são, sim, capazes de expressar desejos, olhares, direitos. Tais expressões, no entanto, precisam ser compreendidas a partir da própria criança e de sua relação com o meio que a cerca, e esse é o grande desafio que a Geografia da Infância se propõe a enfrentar.

Assim, como Milton Santos (2007), acreditamos que as crianças são cidadãos plenos, pois, como ressalta o grande pesquisador:

O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual portador de prerrogativas sociais (Santos, 2007, p. 19).

As crianças, como seres históricos culturais, participam ativamente da sociedade, uma vez que possuem direitos, entre eles, o direito à urbe. Pasqualini (2009) apresenta o desenvolvimento infantil:

como fenômeno histórico não determinado por leis naturais universais, mas intimamente ligado às condições objetivas da organização social, sendo fundamental considerar o lugar ocupado pela criança nas relações sociais e as condições históricas concretas em que seu desenvolvimento se desenrola (Pasqualini, 2009, p. 33).

A controvérsia que surge no contexto contemporâneo se deve à invisibilidade desse grupo nos espaços públicos das cidades, como observa Sarmiento (2005, p. 25): “a infância é, simultaneamente, uma categoria social do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais.”

Dessa forma, é preciso compreender a infância como um processo a ser vivido, recheado de experiências do ser com a cidade que o cerca. Não se deve restringi-la somente em uma trajetória de regras e condutas para a vida adulta.

Estas paisagens urbanas, com as crianças como protagonistas, marcaram as dinâmicas e memórias de muitas que, agora como pais de crianças destes tempos, ironicamente as limitam com argumentos diversos, nomeadamente aqueles fatores associados ao aumento do trânsito automobilístico, a divulgação de notícias relativas a violência divulgada nas mídias e as novas pressões laborais das famílias da sociedade atual (Grécia; Albuquerque, 2016, p. 90).

Fica nítido que as transformações no espaço urbano e as novas dinâmicas sociais acabam por influenciar essa quase segregação que as crianças sofrem no meio citadino, explicando a razão dessa ausência infantil nos espaços públicos. Dessa forma, meninos e meninas da geração atual frequentam bem menos esses espaços

e, quando o fazem, na maioria das vezes, estão acompanhados por seus responsáveis, como forma de cuidado e proteção.

A cidade precisa ser vista como detentora de diversidade nos espaços públicos, criando-se redes de afetos que percorrem esses locais, capazes de proporcionar uma experiência compartilhada durante as relações e encontros entre os pares. (Carolina; Mascarenhas, 2016). Jovens e crianças observam e sentem esses meios subjetivamente, assim, a interpretação geográfica de cada um está relacionada à função dada a esses locais sob diferentes pontos de vista. Neste viés, as paisagens podem se caracterizar como paisagens brincar, explorar, conversar, de encontros e de desencontros.

As crianças precisam ser reconhecidas como sujeitos ativos na sociedade, como produtoras de suas próprias geografias, já que constroem os cenários das paisagens da cidade a partir das sensações e emoções que são despertadas pela ação do brincar: em ruas, praças e escolas. Neste viés, se as infâncias percebem a paisagem com que estão entrando em contato, elas se tornam capazes de produzi-la.

A paisagem é cultural e simbólica aos grupos que dela fazem parte, a criança também a forma e a transforma sob seu ponto de vista.

A paisagem é considerada como uma representação cultural, como um território produzido pelas sociedades na sua história, como um complexo sistêmico articulando elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, como um espaço de experiências sensíveis (Besse, 2014, p.12).

Pode-se dizer que assim como o lugar ganha múltiplos sentidos nas infâncias, a paisagem representada neste imaginário também sofrerá modificações, pois: “Tais paisagens simbólicas não são apenas afirmações estéticas, formais, os valores culturais que elas celebraram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado” (Cosgrover, 2012, p.232).

Em síntese, vale ressaltar que mesmo havendo a restrição da circulação dentro do meio urbano, no ser criança dos espaços públicos de brincar, se veem as trocas culturais entre seus pares, durante a socialização proporcionada pelo próprio ato de brincar e, dessa forma, se criam laços e memórias.

## 2.2 As paisagens das infâncias nos espaços públicos de brincar

As paisagens construídas no imaginário, armazenadas nas memórias, a partir de experiências vividas no contato do ser com o mundo exterior, trazem uma pluralidade de significados e perspectivas. Deste modo as sociedades,

Através do colecionamento ou acumulação, revestidos de uma intencionalidade, preservam objetos e práticas que referem ou até mesmo justificam algum evento histórico ou identidade cultural, guardado em si (Silva; Bomfim; Costa; 2018, p.4).

As crianças se fazem presentes nas paisagens, visto que esses sujeitos possuem bagagens e guardam em si histórias e geografias. Na relação da criança com a cidade, observa-se que os elementos sociais e naturais são essenciais na contribuição do processo de afetividade desses indivíduos com o espaço citadino.

Nesse brincar não direcionado, meninas e meninos, como seres que inauguram inúmeros aspectos da vida, têm uma rica oportunidade de elaborar o que encontram no mundo. Recriam a todo momento, de forma lúdica e imaginativa, o que percebem da vida, podendo compreendê-la ao seu modo (Quintais Brincantes, 2022, p. 55).

Seguindo este raciocínio, destaca Evangelista (2020, p. 54): “a criança, enquanto ser ativo, histórico e cultural, constrói sua cultura através de suas vivências na cidade.” Outrossim, entende-se neste contexto que a cidade é um espaço público de direito a todos os cidadãos; também é um local que deve permitir vivência pelas infâncias, pois elas fazem parte da construção cultural e social desses espaços. As paisagens e lugares dos espaços públicos das cidades, além de serem delimitadas pelos adultos, não foram planejadas apropriadamente para o público infantil, o que dificulta a apropriação desses espaços pela criança.

Neste contexto, a ação de brincar em espaços públicos é propícia para haver a troca de experiências físicas com o espaço onde se brinca. Juntam-se a esses conjuntos os elementos essenciais para a construção da socialização, sempre levando em consideração que “as maneiras e os locais de brincar dependem da cultura em que a criança está inserida e revelam a pluralidade da infância” (Meloni, 2021, p. 6).

Assim, o brincar será um instrumento de socialização, diversão, inclusão e desenvolvimento pessoal que deve ser garantido às crianças, até porque Nicolielo

(2019, p. 355) nos lembra que "as práticas sociais compõem uma rede de movimentação, na qual as ideias e entendimentos sobre o mundo e a cotidianidade estão em contínuo processo de formação, construção e transformação."

Os espaços de brincar tornam-se, assim, locais essenciais para o desenvolvimento geográfico das infâncias por possibilitar a troca de laços afetivos do ser humano com a realidade que o cerca. Na construção de laços e memórias do brincar, essas lembranças são construídas pelas vivências espaciais, sentidos humanos e relações sociais, como se pode constatar em:

O valor paisagístico de um lugar não é considerado unicamente do ponto de vista estético (embora também seja), é considerado mais em relação com a soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidas por grupos humanos nesse lugar (Besse, 2014, p.27).

Destarte, compreendemos que o brincar é uma das principais maneiras de proporcionar esta experiência; provocando a interação das crianças com o meio, através das emoções e movimentos, talha-se no indivíduo uma memória no processo de encontro e diálogo entre o ser e a paisagem.

### **2.3 As contribuições do brincar para o desenvolvimento espacial**

O brincar está presente nas primeiras fases da vida, proporcionando trocas de valores e formação da autonomia. Dantas (2017) enfatiza que a brincadeira tem a capacidade de formar núcleos espaciais, onde as crianças vivenciam as representações simbólicas contidas em sua sociedade por meio do lúdico. Também de acordo com Castrogiovanni (2012, p.14), "ler o mundo, ou as representações dele, requer um exercício constante no estabelecimento de relações para que ocorram as ressignificações." Portanto, a paisagem começa a ser explorada pela criança a partir dos movimentos corporais propostos nas atividades lúdicas.

Ao se movimentar, a capacidade de sentir a textura e os cheiros dos locais que os cercam é aguçada pelos sentidos. Nesta perspectiva, observa-se que a brincadeira desenvolve a habilidade espacial de orientação e pertencimento em relação ao meio em que se vive. A partir desta prática, o ser passa a compreender que é fragmento de um todo social, político e espacial.

O tempo e o espaço funcionam de maneiras distintas entre crianças e adultos; por meio do brincar, a criança entende as normas presentes em sua sociedade e

acaba reproduzindo essas condutas. Esta ação proporciona o desenvolvimento cultural e espacial. Visto por esse ângulo, este ato é uma importante ferramenta para a formação do conhecimento geográfico humano. Assim, no ato de brincar,

a criança vai conhecer-se, explorar espaços em tempos diferentes, relacionar e experienciar, conviver com seus pares e adultos, escutando e manifestando suas necessidades, desejos e construções por meio da linguagem escrita ou oral. Participará de momentos de aprendizagens utilizando seu corpo por meio de expressões e movimentos. Ao movimentar-se, criará espacialidades manifestando a subjetividade, conhecendo e convivendo com o outro, formando um nós. Ao conviver com o outro, vai expressar-se manifestando tudo o que está ao seu redor como os traços, as cores, os sons e as imagens (Costella, 2021, p.228).

Observando as ressignificações e subjetividades do espaço geográfico e da paisagem, que são idealizados durante o exercício do brincar, é possível introduzir a noção de cotidiano, o que favorece o amadurecimento infantil:

Assim, as vivências do cotidiano relacionadas ao meio ambiente em que a criança está inserida propiciam experiências de amadurecimento durante o desenvolvimento. Essas experiências ajudam na construção da sua personalidade e no seu jeito de lidar com o mundo (Campos *et al.*, 2007, p. 276).

O ser humano amadurece seus afetos e raízes culturais na medida em que entende seu espaço geográfico. Lopes (2013, p. 287) nos lembra que esse “espaço é de vivência: compõe-se dos lugares onde brinca, passeia e dos objetos que aí existem e que ela utiliza.” São, portanto, relações espaciais que vão se complexificando na mesma medida em que amplia o seu espaço de ação.

Neste viés, esta prática social potencializa a expressividade infantil por meio da troca entre os pares e o ambiente em que se encontram. A geografia está presente neste exercício, na medida em que as interações espaciais são provocadas, dando sentido cultural a cada um dos envolvidos.

## 2.4 Cartografia do afeto: entre desenhos e memórias

A ciência cartográfica se utiliza de diversos instrumentos de coleta de dados para obter informações sobre um determinado ambiente. Na contemporaneidade os estudos cartográficos estão cada vez mais focados nas humanidades e na teoria social. Como explicita Santos (2013), entre os novos métodos de se ver, perceber e analisar a paisagem por meio da cartografia, está o desenho. Tanto que “os mapas como componentes tradicionais da cartografia recebem como novos aparatos os desenhos que passam a ser mais aceitos também como componentes do conhecimento cartográfico” (Santos 2013, p. 81).

O desenho, como instrumento cartográfico utilizado para compreender culturas e humanidades pelo olhar de seu autor, revela não somente a paisagem vista no espaço vivido, mas tem a capacidade de decodificar sensações e emoções presentes em pensamentos abstratos, como apontado por Radvanskei (2016).

Assim, surge a cartografia dos afetos que, segundo Sandroni (2014, p. 8) “aparece aqui como uma forma de pesquisar as paisagens psicossociais, cartografar processos simbólicos que vão desde movimentos sociais, mudanças dos estilos de vida, até os quadros clínicos, tanto coletivos como individuais – institucionais ou não.”

Ademais, Besse (2014, p. 47) acrescenta que “a paisagem é o nome dado a essa presença do corpo e ao fato de ele ser afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao seu redor, suas texturas, estruturas e espacialidades.”. Dessa forma, o conceito de paisagem deve abranger para além do que é visto, ou seja, ela também é imaginada.

As representações espaciais das paisagens infantis se desdobram a partir da memória, do afeto e imaginário, em que cada indivíduo percebe o ambiente a sua maneira, o que gera sentidos diferentes na vivência desses espaços. Desta forma, na infância, a partir da observação de Machado (2016, p. 76): “é necessário que se estimule o despertar da criança nas séries iniciais quanto ao seu entendimento sobre a paisagem. E buscar entender, através do desenho, que significado a paisagem assume no mundo de cada criança.”.

Os desenhos são importantes na construção cognitiva das crianças, e são uma das primeiras formas de comunicação do indivíduo sobre o meio que o cerca, assim como defende Radvanskei (2016), para quem ao desenhar, a criança utiliza a memória paisagística e espacial não do que se vê mais do que ela sabe e sente em relação ao que desenha.

Somando os desenhos infantis às memórias, Pereira (2016, p. 45) enfatiza que “nessas cartografias, aparecem singularidades, vivências, lembranças, pessoas, lugares, espaços importantes da vida, ao mesmo tempo, individuais e coletivas.”. Ainda, de acordo com a autora, essas cartografias se tornam “territórios afetivos” que estão construindo constantemente cada um de nós.

A percepção do espaço vivido varia conforme o tempo-espaço e as diferentes formas de socialização. Desta maneira, ao analisar os espaços das memórias infantis compreende-se que cada criança vivencia infâncias diferentes com variadas formas de compreensão da paisagem. De acordo com Lopes (2013), esses espaços infantis são ditos "desacostumados", pois cada infância tem uma maneira de se apropriar do espaço geográfico. Mais adiante o autor revela:

A infância é uma construção social e plural, reverbera no entendimento de sua dimensão espacial, pois as infâncias passam a ser lugares destinados às crianças e que se materializam em formas de paisagens nas diferentes sociedades (Lopes, 2013, p. 291).

A paisagem no sentido mais complexo irá retratar signos e fisionomias que aos olhos de seus observadores terão “simbolismos além do que é visível”, assim como destaca Serpa (2019). Observando por este sentido, ao se pensar em paisagem para além das representações estéticas das formas, deve-se levar em consideração como se dá a relação entre os valores visuais ao se interligarem as memórias dos observadores dessas paisagens, visto que, conforme Rodríguez,

Perceber a paisagem é também um ato de lembrança, onde o ato não é apenas chamar uma imagem interna estocada na mente senão relacionar-se perceptivamente com um entorno que está, em si mesmo, repleto de passado (Rodríguez, 2014, p. 179).

Em suma, a paisagem representada por desenhos nos mapas afetivos mostra diferentes leituras e sensações, provocadas pela vivência nas paisagens de afeto de cada criança. Essas paisagens são encontradas dentro da cidade, podendo ser uma rua ou bairro em que moram essas infâncias, revelando memórias individuais e coletivas.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Nosso estudo apoiou-se na abordagem qualitativa de cunho participativo e buscou revelar a percepção das crianças relacionada aos seus lugares de afetividade. Assim, o objeto de estudo desta pesquisa se volta às paisagens do brincar, resgatadas pelas memórias de crianças, estudantes da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, localizada na cidade de Igarassu – PE.

Esses espaços são analisados a partir da categoria *paisagem da Geografia*, adjunto aos conceitos estabelecidos pela Geografia da Infância, Antropologia, Sociologia da Infância, Psicologia e Pedagogia. Desta forma, observou-se que a pesquisa de abordagem qualitativa se interliga aos estudos das humanidades e suas complexidades.

Para Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Já o método participante se insere no campo deste estudo a partir das relações de convivência, amadurecidas com as crianças e professores da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, através do projeto de extensão do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE, intitulado: “A espacialização do letramento e os números do lugar: contribuições da Geografia da Infância para o Ensino Fundamental.”.

O projeto de extensão em Geografia da Infância foi um marco na construção deste trabalho, as conexões entre a extensão e pesquisa propiciaram trocas de experiências entre docentes e extensionistas na preparação de atividades escolares e acompanhamento das aulas de Geografia com o objetivo de compreender e desenvolver as espacialidades geográficas presentes na infância.

A pesquisa é “participante” não apenas porque uma proporção crescente de sujeitos populares participa de seu processo. A pesquisa é “participante” porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória (Brandão, 2006, p. 10).

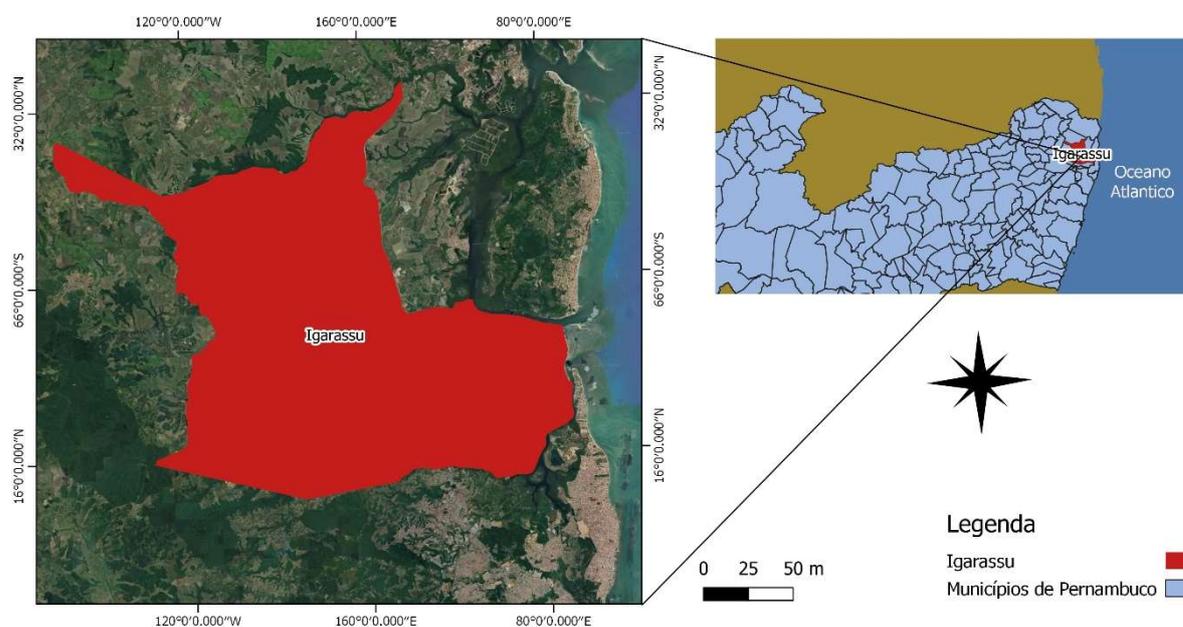
Dessa forma, a pesquisa participativa foi utilizada como instrumento de diálogo e aprendizado, permitindo partilhar a construção dos saberes vivenciados em sala de aula. A seguir, serão apresentadas a localização geográfica do município de Igarassu,

a infraestrutura da escola e os procedimentos metodológicos adotados para obtenção dos resultados da pesquisa.

### 3.1 Município de Igarassu

O município de Igarassu, PE, (Mapa 1) está situado na região metropolitana do estado de Pernambuco, suas coordenadas possuem latitude  $7^{\circ}50.0502' S$  e longitude:  $34^{\circ}54.3834' O$ . Em relação à capital pernambucana – Recife, a cidade de Igarassu localiza-se a, aproximadamente, 28 km<sup>2</sup> de distância, o seu acesso pode ser realizado através da BR 101.

Figura 1 – Município de Igarassu/PE



Fonte: Renata Felipe (2023).

De acordo com o último censo demográfico do (IBGE) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – realizado no ano de 2021, a população de Igarassu está estimada em cerca de 119.690 habitantes e sua área territorial é de aproximadamente 306,87 km<sup>2</sup>.

No tópico 3.1.1, será apresentada a localização geográfica da escola e sua infraestrutura.

### 3.1.1 Contextualização da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira

A Escola Vereador José Francisco Ferreira está localizada no município de Igarassu, na Avenida Barão de Vera Cruz, em Cruz de Rebouças, PE. A escola foi fundada em 2 de fevereiro de 1942 em terreno doado para a prefeitura pelo cidadão José Antônio Ribeiro. A área doada compreende cerca de 1 hectare. Atualmente a instituição possui seis (6) salas de aula, que atende a demanda de 290 (duzentos e noventa) estudantes, matriculados nos turnos da manhã, tarde e noite.

Figura 2 – Escola campo de estudo



Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Em relação à infraestrutura física, a escola possui biblioteca, refeitório e quatro banheiros disponíveis para os funcionários e estudantes. Na instituição, não há espaço de lazer para as crianças; nos intervalos, elas lancham no refeitório e vão para a sala de aula.

Em relação à quantidade de funcionários, a instituição conta com 52 (cinquenta e dois) em seu total, entre os quais, 20 (vinte) são professores. Quanto à gestão da escola, atualmente existem 2 (duas) gestoras. As modalidades de ensino ofertadas pela instituição são as seguintes: Infantil; Fundamental I; EJA – fases 1, 2 e 3.

### 3.1.1.1 A sala de aula do 5.º Ano do Ensino Fundamental

A turma do 5.º ano do Ensino Fundamental conta com 27 (vinte e sete) estudantes matriculados. A sala de aula tem duas professoras, uma atua como pedagoga e a outra professora acompanha estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Todos os estudantes que possuem laudo são acompanhados devidamente por uma/um profissional que realiza atividades de estímulo ao desenvolvimento cognitivo das crianças, respeitando as limitações de cada estudante. Há, então, a inclusão desses discentes em sala de aula juntamente com os demais, o que possibilita uma educação inclusiva e a sociabilidade entre as crianças.

A Lei n.º 12.764, homologada em 27 de dezembro de 2012, estabelece em parágrafo único que a pessoa diagnosticada com Espectro Autista deve ser matriculada no ensino regular, a fim de garantir a inclusão desse indivíduo no âmbito escolar, com acompanhamento de profissionais especializados em sala de aula. (BRASIL, 2012). Dessa forma, a Escola Vereador José Francisco Ferreira está dentro dos parâmetros estabelecidos pela Secretaria da Educação do Município de Igarassu e Ministério da Educação.

Figura – Sala de Aula do 5.º Ano



Fonte: Jardielle Silva (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Quanto à infraestrutura da sala de aula, como mostra a (figura 3), o quadro branco tem um tamanho ideal e está em boas condições, as cadeiras são conservadas

e há armários para guardar os materiais utilizados no dia a dia. Os estudantes também receberam os livros didáticos e cadernos de exercícios para o ano letivo. A sala possui dois ventiladores, dois armários e é iluminada por lâmpadas led. O teto não é forrado. A escola disponibiliza materiais para trabalhos lúdicos com as crianças e para a comemoração de festividades.

Assim como as demais turmas do Ensino Fundamental, a educação escolar da turma do 5.º está voltada ao letramento e alfabetização matemática. Em nosso estudo, damos enfoque ao letramento, uma vez que é a partir dele que a criança começa a perceber os diversos contextos e situações sociais que ocorrem em seu entorno. Em relação a essa questão, Dimbarre (2020) defende que:

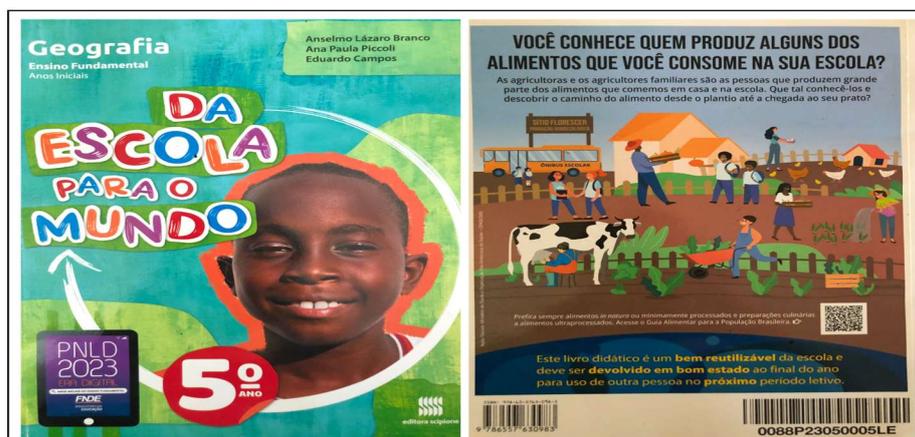
As formas de leitura e/ou de escrita que os sujeitos aprendem e das quais fazem uso nos contextos estão associadas a determinada(s) identidade(s) e também aos papéis que desempenham ou pretendem desempenhar nas esferas sociais. Os sujeitos estão sempre envolvidos em situações contextuais diferentes e, com isso, suas identidades são negociadas de formas diferenciadas, assim como suas habilidades (Dimbarre, 2020, p. 305).

Dessa forma, as linguagens e interpretações auxiliam o desenvolvimento identitário e cultural dos sujeitos envolvidos, servindo de canal para atribuição de conhecimentos científicos e empíricos. Guedes (2021) sugere que o letramento seria uma aquisição da leitura e escrita através das vivências.

A este contexto, ressalta-se uma outra categoria de letramento, o letramento geográfico, que será abordado durante o decorrer desta pesquisa. Em princípio, para analisar e interpretar o mundo sob as lentes da Geografia da Infância, é necessário trabalhar as seguintes temáticas em sala de aula: cartografia, lugar e paisagem.

Assim, de acordo com a Base Nacional Curricular (BNCC), nos conteúdos programáticos para o ensino de geografia no Ensino Fundamental I, nas turmas do 5.º da Educação Básica, encontram-se os seguintes tópicos: relação entre o campo e a cidade, e que devem ser discutidas as diferenças entre as paisagens urbanas e naturais, as hierarquias urbanas, as desigualdades sociais e a relação do homem com o lugar e a paisagem. Neste sentido, o livro didático de geografia dos estudantes do 5.º ano (figura 4) aborda todas essas temáticas discutidas.

Figura 4 – Livro Didático de Geografia 5.º Ano



Fonte: A autora (2023).

O livro didático é uma ferramenta que auxilia os professores na prática pedagógica; por meio desse instrumento, são apresentadas as contextualizações sobre o mundo que, muitas vezes, estão distantes da realidade vivida pelos estudantes.

Ao pensar sobre o ensino de Geografia, é necessário que o aluno tenha acesso a esse material para a compreensão dos conceitos-chave da ciência, porém, quando se trata do letramento geográfico e alfabetização cartográfica, é preciso explorar novas formas para a compreensão do mundo, pela exploração de outros recursos didático-pedagógicos.

Neste sentido, não se deve dissociar o livro didático, que é a teoria, da prática que será trabalhada a partir da alfabetização cartográfica; os dois recursos necessitam um do outro para que os sujeitos aprendam sobre os seus espaços vividos. Como afirma Callai (2005), quando aponta as responsabilidades da geografia escolar:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola (Callai, 2005, p. 228).

Ao se trabalhar o letramento geográfico nas turmas do Ensino Fundamental I, traçamos como objetivo o amadurecimento de habilidades analíticas e críticas sobre o espaço geográfico no entorno, ou seja, nas localidades próximas ao indivíduo, para que ele melhore suas capacidades de localização, horizontalidades e lateralidades

cartográficas, além de aguçar suas percepções sobre as paisagens que geram diversos olhares sobre um mesmo espaço.

Neste viés, as cartografias das infâncias estão entrelaçadas aos afetos com o lugar de vivência e, conseqüentemente, com as paisagens que os formam, pois as encontramos presentes nas representações da cidade, ruas, locais de lazer, escola e igreja. No decorrer das atividades extensionistas e de pesquisas, foram realizados diagnósticos sobre os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, e constatou-se que muitas crianças não conseguiram atingir os níveis de leitura propostos pela instituição. Entendemos, portanto, que a Geografia também tem um papel a cumprir no alcance desse direito fundamental.

Para atingir os objetivos, esta pesquisa foi organizada em três etapas: I – Construção dos mapas das paisagens onde os estudantes desenharam e cartografaram os elementos naturais e urbanos constituintes da paisagem; II – Desenho do lugar e das paisagens brincantes; nessa fase, as crianças desenharam seus espaços públicos de brincar na cidade de Igarassu; III – Entrevista semiestruturada.

No item 3.2 será apresentado o procedimento metodológico referente à primeira etapa da coleta de dados, em que foram trabalhados o conceito da paisagem e sua representação no espaço geográfico.

### **3.2 O mapa das paisagens das crianças do 5.º ano**

Na primeira coleta de dados, foram elaborados mapas mentais acerca das paisagens naturais e urbanas, nas quais os estudantes do 5.º Ano do Ensino Fundamental da Escola Vereador José Francisco Ferreira desenharam os elementos que compõem as paisagens nessas duas perspectivas, sob seus pontos de vista.

A atividade foi realizada com 20 (vinte) estudantes que estavam presentes na sala de aula nesta primeira intervenção. Desses desenhos elaborados em classe, foram autorizados pelos pais e responsáveis a apresentação de 14 (quatorze) desenhos dos mapas mentais das paisagens. Utilizamos o termo de consentimento livre e esclarecido para a publicação dos desenhos nesta pesquisa.

Esta atividade teve como objetivo fazer uma análise prévia sobre as noções de espaço geográfico dos estudantes com a finalidade de observar a capacidade de leitura e recriação espacial através das paisagens e do lugar. No decorrer do exercício, também foram trabalhados os conceitos da paisagem, tais como: a paisagem transformada, a paisagem natural e a paisagem cultural.

Destarte, buscamos evidenciar as paisagens infantis e os lugares da infância expressos por meio de desenhos em que cada um dos estudantes recriou essas cenas presentes no seu cotidiano e imaginário. Esta prática é utilizada no Ensino Fundamental visando a alfabetização cartográfica e o letramento que, juntos, podem se transformar em cartografias afetivas, como afirmam Machado e Mascarenhas (2016).

Para fazer uma leitura da paisagem, é necessária leitura da realidade das crianças, para que haja uma troca de experiências entre os alunos, buscando na vivência de ambos um melhor entendimento, de modo que percebam a paisagem local em que vivem e como cada um a vê, de forma que consigam reconhecer e localizar as características da paisagem local, comparando assim também com as outras (Machado; Mascarenhas, 2016, p. 79).

As cores, os traços e as formas descritas pelas cartografias da infância possuem simbolismos plurais, os quais são analisados a partir das individualidades e do arcabouço cultural que cada criança possui.

Os estudantes receberam os seguintes comandos para a realização da tarefa: desenhe um espaço urbano que você conheça; desenhe um espaço rural que você conheça. A partir desses comandos, fomos trabalhando os elementos paisagísticos que diferem esses locais. Como resultado desta primeira produção, temos os mapas das paisagens da cidade de Igarassu e paisagens inventadas no imaginário infantil.

No item 3.3, será apresentado o procedimento metodológico adotado para a segunda e terceira etapas da coleta de dados, nas quais os estudantes representaram seus espaços públicos de brincar a partir do desenho do lugar e das suas paisagens.

### 3.3 Os desenhos do lugar e as paisagens brincantes

Por intermédio da Geografia da Infância, foram trabalhadas neste estudo as categorias da paisagem e lugar. Assim, buscamos compreender o universo infantil através das relações entre os espaços públicos de brincar e suas cartografias. [Dado exposto, a segunda coleta de dados foi caracterizada por uma atividade durante a qual são cartografados, por meio de desenhos, os espaços públicos de brincar das crianças do 5.º ano da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira. Nesta segunda intervenção, foram realizados 22 (vinte e dois) desenhos, desses, 16 (dezesesseis) receberam autorização dos pais e responsáveis para serem publicados nesta pesquisa.

Na realização desta atividade, os estudantes receberam os seguintes comandos: desenhe um lugar que você gosta de brincar na sua cidade; desenhe o que você vê quando está brincando; pesquise o nome da sua rua e o nome de duas ruas próximas a sua residência.

Pedimos para os estudantes realizarem a pesquisa na intenção de facilitar a localização e o mapeamento dos seus espaços de brincar que geralmente são as ruas em que os estudantes residem, dessa forma, esses locais acabam se tornando grandes quintais.

As crianças que participaram da terceira etapa da coleta de dados, que é caracterizada pela entrevista, foram as mesmas para quem recebemos autorização de participação na pesquisa. Nas entrevistas semiestruturadas, os estudantes são questionados sobre os seus desenhos com as seguintes indagações:

- Que lugar é esse?
- Por que você escolheu esse lugar?
- O que você sente quando está neste lugar?
- Você está neste desenho? O que você está fazendo?

Como resultado desse estudo, evidenciamos a importância de visualizar a criança como um sujeito ativo da cidade capaz de territorializar os espaços urbanos pelo ato de brincar. Neste contexto, Rodríguez e Albuquerque (2016) refletem sobre os direitos das crianças nos espaços através dos modos de como a paisagem é expressa na infância, pois essas imagens revelam o sentimento de cidadania que os fazem se sentir pertencentes à urbe. Assim, os cenários urbanos são apropriados e recriados por esses indivíduos.

Outrossim, o prazer despertado no lazer provoca sentimentos de alegria, satisfação e bem-estar que devem ser estimulados durante essa fase da vida, visto que o brincar é lúdico. Os espaços na maioria das vezes são ressignificados tornando-se quintais para brincar sob as lentes da infância; são locais a serem vividos por meio da troca de experiências entre o meio e o indivíduo, que se apropria de suas paisagens e lugares.

No item 4 serão apresentados os resultados parciais da primeira intervenção realizada em sala de aula, em que foi feito um diagnóstico da turma do 5.º ano em relação aos seus conhecimentos sobre paisagem, cartografia e lugar.

A seguir, vamos discutir e apresentar os espaços de brincar das crianças do 5.º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, através das suas percepções sobre seus lugares de afetos, expressos pelo ato de brincar.

#### 4 OS MAPAS DAS PAISAGENS QUE NOS CERCAM E AS PAISAGENS QUE CRIAMOS NO NOSSO IMAGINÁRIO

Cada sujeito dispõe de uma bagagem social que ajuda a construir suas interpretações de mundo. No desenho, percebemos que os lugares designados pelas crianças são próximos a elas, caracterizados como locais afetivos em que evidentemente há uma troca de experiências e saberes. Neste contexto, afirmam Lopes e Fernandes (2018, p. 208):

Apona-se a necessidade de localização dessas múltiplas infâncias no tempo e no espaço, conectando as vivências infantis aos contextos culturais e considerando o papel da criança na produção do espaço e suas linguagens espaciais.

Ao projetar um espaço, a criança indica que vive nesta paisagem, há um sentimento despertado pelo pertencimento do lugar. Desta forma, precisamos repensar os significados dos lugares da infância nas zonas das cidades. Para explorar as paisagens das infâncias na cidade de Igarassu, os estudantes foram questionados primordialmente sobre o que seria paisagem. As respostas foram as seguintes: “a paisagem é, tipo, um quadro que a gente vê, ela tem montanhas e um sol nascendo atrás”; “a paisagem é um lugar verde com muitas árvores”.

A partir dessas respostas, seguimos com a intervenção desmistificando a paisagem, trazendo-a para perto dos estudantes. Dessa forma, perguntamos para as crianças se existem diferenças entre as paisagens urbanas e “rurais”. Utilizamos o termo *rural* para designar as paisagens naturais e facilitar o entendimento das crianças. Nas aulas posteriores, foi explicado aos estudantes o que são as paisagens naturais com o auxílio do livro didático. Na atividade seguinte, percebemos que alguns estudantes não souberam distinguir as diferenças entre os elementos paisagísticos dos espaços urbanos e os dos espaços rurais. Assim, após esta primeira conversa, foram entregues folhas de papel A4 e lápis de colorir para a realização da atividade dos mapas das paisagens.

#### 4.1 As representações dos elementos dos lugares e da paisagem

No desenho 1, realizado pela criança 1, podemos observar os dois cenários propostos para o exercício: é uma pintura alegre com destaque para os tons amarelados, verdes e azuis; existe a representação dos elementos da paisagem urbana, que é caracterizada pelo prédio e asfalto, pelo semáforo e por casas e algumas árvores. No lado direito, a paisagem “rural”, a autora apresenta seu cenário com árvores, rios, algumas casas distantes e outras vegetações. Nenhum dos espaços desenhados por essa criança existe, eles foram frutos do seu imaginário.

Desenho 1 – Paisagem Urbana e natural da criança 1



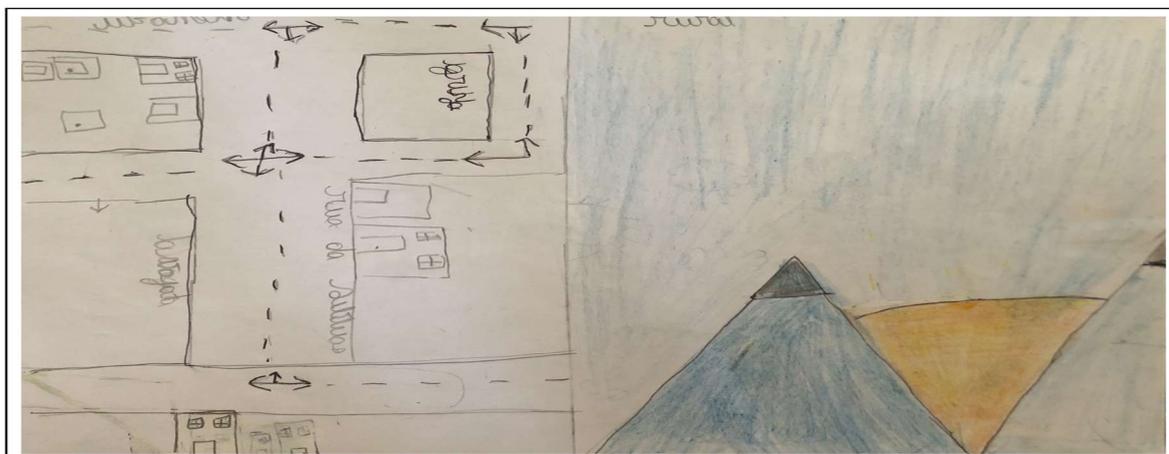
Fonte: Desenho produzido pela criança 1 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Como pode ser observado abaixo, no desenho 2, a criança 2 representa sua paisagem, a partir de uma dimensão cartográfica verticalizada onde podemos observar sua noção de espacialidade. Assim, o autor não frequenta a Igreja Assembleia de Deus, mas a desenha e a situa por estar próxima a sua moradia e consequentemente fazer parte do seu bairro.

Dessa forma, a partir deste mapa de localização, a criança 2 renomeia a rua no seu mapa mental como Rua da Assembleia. Assim, ela retrata o espaço e a paisagem urbana, a partir da divisão de quarteirões e ruas que compõem este meio urbano. Na paisagem natural, a criança 2 a descreve com duas montanhas nas cores azul e preto, e um sol em que se destaca o tom amarelado, um quadro imaginado.

### Desenho 2 – Paisagem urbana e natural da criança 2



Fonte: Desenho produzido pela criança 2 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Nas paisagens explicitadas abaixo, no desenho 3, que tem como autora a criança 3, podemos observar a paisagem urbana, constituída por um edifício e pelo tráfego de carros. Neste desenho é perceptível o senso de locomoção que a autora dá aos elementos, os movimentos e sentidos dos carros, além da vista panorâmica sobre essa paisagem. Ela traça os desenhos como se fossem quadros ou retratos que estão sendo observados por um observador de fora. Dessa forma, a primeira imagem apresentada como urbana não faz parte do cotidiano da autora, é uma imagem criada; já a segunda imagem, entretanto, retrata o rural por meio das sementeiras que estão presentes na cidade de Igarassu e que são inseridas nesta imagem com a intenção de mostrar que frequenta ou frequentou esse lugar.

### Desenho 3 – Paisagem urbana e natural da criança 3



Fonte: Desenho produzido pela criança 3 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

O desenho 4, na interpretação da criança 4, tem desenhos que descrevem a paisagem urbana pela praça de Cruz de Rebouças, associando o brincar ao lugar e ao urbano. Dessa forma, ele retrata o urbano no desenho dos balanços, roda gigante, e outros brinquedos que fazem parte da praça e do seu lazer. No desenho da paisagem natural, ele traz em sua perspectiva a granja que costuma ir com a sua família, dando destaque aos elementos constituintes dessa paisagem, como os animais, a árvore e o solo.

Desenho 4 – Paisagem natural e urbana da criança 4



Fonte: Desenho produzido pela criança 4 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Nos cenários abaixo, há o desenho 5 feito pela criança 5 e o desenho 6 elaborado pela criança 6, que retratam o mesmo lugar e paisagem, porém, de maneiras diferentes, possuem traços, formas e cores diferentes, que transmitem uma reflexão sobre o espaço geográfico em suas diversas perspectivas. Esses quadros apresentados pelas autoras são de paisagens criadas; dessa forma, elas trazem a paisagem urbana constituída por uma estrada e prédios; já a paisagem natural é composta por duas árvores e colinas.

### Desenho 5 – Paisagem urbana e natural da criança 5

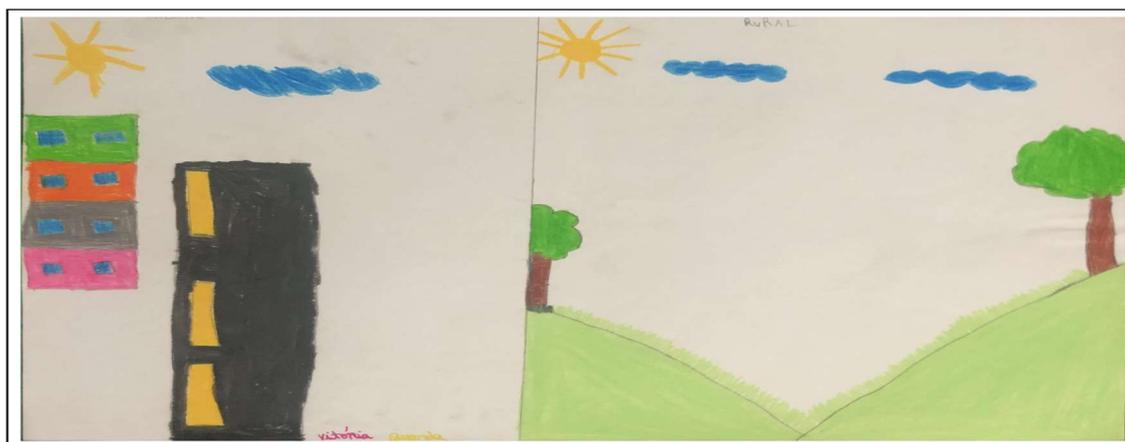


Fonte: Desenho produzido pela criança 5 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Para as diferentes perspectivas, afirma Besse (2014, p. 28), “toda paisagem, de um modo que lhe é próprio, é relativa a um projeto social, mesmo que esse projeto não seja ‘consciente’, mesmo se for a tradução do inconsciente.”. Assim, apesar da não existência dessas paisagens no espaço real, elas se traduzem em um produto de valor cultural retratado por seres histórico-culturais.

### Desenho 6 – Paisagem urbana e natural da criança 6



Fonte: Desenho produzido pela criança 6 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Após a intervenção, observamos que os estudantes conseguiram compreender os conceitos básicos da paisagem a partir da utilização da alfabetização cartográfica. Neste viés, Radvanskei e Bachmann (2016) defendem que o desenho é um grande

facilitador para a compreensão socioespacial, além de funcionar como ferramenta de estímulo que contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Assim, nas construções dos desenhos, as crianças desvendam seus universos, é uma oportunidade de mostrar o resultado de suas apropriações geográficas que mostram em traços, na relação com a cidade, o lugar e a paisagem.

A seguir, discutiremos e apresentaremos os resultados finais desta pesquisa no item 5, referente aos espaços de brincar das crianças do 5.º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, analisados através das percepções infantis sobre seus lugares de afeto, expressos pelo ato de brincar.

## **5 O BRINCAR NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NA CIDADE DE IGARASSU /PE**

A alfabetização geográfica, nos anos iniciais da educação básica, é uma grande potencializadora da construção do sujeito mundo. Por meio das leituras cotidianas, as crianças tendem a se compreender como cidadãos do meio em que vivem. Devemos explorar essas percepções primeiramente nas escalas locais que estão presentes na rotina do indivíduo para, assim, despertar o sentimento de pertencimento à urbe.

As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas (Sarmiento, p. 21, 2005).

Destacamos assim, o brincar como um canal que molda as crianças aos valores culturais e de conduta imbricados na sociedade, que os transforma em sujeitos histórico-culturais. Observamos, nas análises, que os alunos do 5.º ano exemplificam como paisagens brincantes: as ruas em que moram, a praça da cidade, o Sítio Histórico e o campo de futebol. Assim, as paisagens infantis analisadas a seguir serão interpretadas a partir dos sentidos e das territorializações da infância sobre o espaço geográfico.

Ademais, observamos que o lugar mais recorrente nos mapas das paisagens apresentados pelas crianças são as ruas de suas casas. Esses locais acabam sendo pontos de encontros entre os estudantes, pois muitos deles moram nas proximidades da escola ou perto um do outro.

## 5.1 Igarassu Sítio Histórico

A cidade de Igarassu foi fundada em 1536 pelo donatário Duarte Coelho e elevada como freguesia pela monarquia de Portugal, em meados de 1550. A região, pertencente originalmente ao povo indígena Caetés, atualmente, abriga um dos mais importantes sítios históricos do Brasil, constituído por monumentos históricos que conservam as memórias e a história da cidade. Dessa forma, esse lugar representado pela figura 4 preserva os monumentos arquitetônicos mais importantes da cidade, constituindo um grande Centro Histórico o qual é composto por paisagens culturais, como igrejas, museus e seu marco de pedra que revelam o passado colonial do município.

Figura 5 – Igarassu – Sítio Histórico



Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Igarassu Sítio Histórico – Igarassu, Centro – PE, Brasil.

Ao pensar no lugar e paisagem pelo olhar da infância, Araújo (2021, p. 42) aborda os espaços urbanos como uma forma de apropriação da criança sobre o lugar, estes que seriam territorializados pelo brincar. Dessa forma, o brincar emerge como uma prática lúdica que viabiliza o contato entre os espaços brincantes e a troca entre os pares, possibilitando o desenvolvimento espacial e referencial da criança. No desenho 7, a criança 7 recria a paisagem do Sítio Histórico de Igarassu sob sua ótica,

através da brincadeira com pipas; assim, essa nova forma de perceber a paisagem está atrelada ao afeto e à vivência do sujeito com o lugar. Percebemos que ele traz elementos que estão presentes na paisagem real (figura 4), como o letreiro com o nome da cidade onde esse menino destaca os tons de amarelo, azul, laranja, vermelho e verde, e desenha a vegetação arbustiva, presente nas laterais do letreiro. O estudante demonstra, cartograficamente, sua noção de lateralidade por uma perspectiva oblíqua.

Durante a entrevista, quando perguntamos o porquê da escolha desse local, a criança 7 respondeu que “por causa que minha tia mora perto, aí eu gosto de brincar com a pipa do meu primo”. Neste caso, observamos que a escolha desta paisagem brincante tem a ver com a relação de convívio entre parentes e com o lugar representado.

Desenho 7 – Brincando de pipa no Sítio Histórico



Fonte: Desenho produzido pela criança 7 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

A criança 7 enfatizou na entrevista que ele e seu primo constroem as pipas juntos, o que torna a brincadeira mais interessante e estimula a criatividade infantil. Ao ser questionado sobre como ele se sente quando está neste lugar, tivemos como resposta “um carinho por que desde pequeno eu estudava perto da Igreja Santos Cosme Damião quando eu tinha 8 anos.” Quando perguntamos se ele estava no seu desenho, ele afirma que sim, e que está com uma das pipas do primo.

Ele acrescenta que, no dia em que fez o desenho, tinha duas pipas na casa do primo dele, por isso ilustrou duas pipas. A percepção da criança 7 sobre o seu espaço brincante é compreendida pelo sentimento de pertencimento gerado nos estímulos da vivência do indivíduo com o lugar, explícitos pelo prazer de brincar e criar brinquedos. Neste contexto, entendemos como o papel das lembranças infantis são refletidas nas concepções espaciais geográficas da infância.

## 5.2 O campo de futebol Severino Tavares Uchôa (O Poeirão)

A criança 8 representou no seu desenho a paisagem do campo de futebol Poeirão (figura 5). Podemos observar, pela sua descrição, os elementos paisagísticos que compõem este espaço, como o gramado, o solo, a árvore, as traves do futebol e a bola, que são desenhados em um plano horizontal numa visão oblíqua.

Figura 6 – Campo de futebol (O Poeirão)



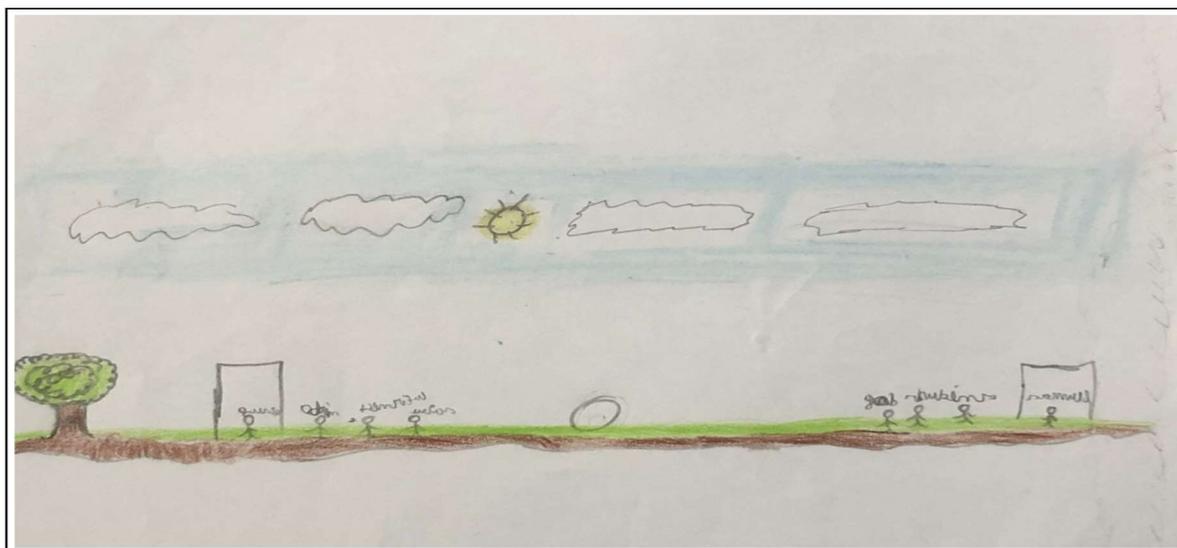
Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Campo de Futebol (Poeirão) – Igarassu, Cruz de Rebouças – PE, Brasil.

Ele destaca no seu quadro (Desenho 8), principalmente, o solo descoberto sem vegetação, com poucas árvores, que é uma característica bem marcante desse campo em sua paisagem real (figura 5). Perguntamos na entrevista por que ele escolheu representar esse lugar e tivemos como resposta “por que vou muito pra lá”; em seguida, para compreendermos os sentimentos despertados pelo pertencimento

a esse lugar de brincar, perguntamos como ele se sente quando está no Poirão e ele nos responde que fica feliz por estar com seus amigos.

Desenho 8 – Brincando de Futebol no Poirão



Fonte: Desenho produzido pela criança 8 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Na última pergunta, questionamos sobre o desenho, se ele se representou no desenho e o que ele estaria fazendo. A criança 8 responde que não se desenhou, que estaria observando o jogo como reserva, também acrescenta que os amigos que estão jogando no campo são da sua turma do 5.º ano. Neste sentido, observamos que o Poirão é um local de encontro entre crianças e jovens que moram no bairro de Cruz de Rebouças. É um espaço utilizado para torneios de futebol, disputa de jogos internos pelas escolas do município e está aberto ao público local para ser usufruído como local recreativo.

### 5.3 A praça de Cruz de Rebouças

As praças públicas são ambientes socioespaciais destinadas a proporcionar lazer e bem-estar para as comunidades que delas fazem parte; é um local de descanso, encontros e diversão onde, além de oferecerem interação entre os cidadãos da cidade por meio dos eventos e parques, promovem o contato com a natureza.

No contexto urbano, podemos dizer que esses espaços foram idealizados principalmente para o público infantil, visto que há uma forte apropriação de crianças nesses espaços de brincar. A falta de lugares para brincar nas cidades faz que as crianças delimitem suas territorialidades na escola, ruas, casas e praças. Devemos levar em consideração que a questão do aumento da violência nos últimos anos também contribui para tornar os espaços públicos mais perigosos, o que conseqüentemente vai gerar uma diminuição da circulação de crianças nesses locais.

Figura 7 – Praça de Cruz de Rebouças



Fonte: Nataly Veloso (2023).

Local: Praça de Cruz de Rebouças - Igarassu, Cruz de Rebouças – PE, Brasil.

Neste sentido, a criança 9 apresenta como sua paisagem brincante (Desenho 9) a Praça de Cruz de Rebouças (figura 6), revelando os elementos presentes neste cenário como o escorrega, o balanço, a árvore e a academia; todos esses aspectos são mostrados sob suas lentes cartográficas nas quais podemos identificar sua compreensão de lateralidade e noção espacial. O autor do desenho também é

detalhista em sua paisagem, além de mostrar o espaço em que ele costuma brincar, traz o local, que é utilizado por adultos e jovens para fazer caminhadas na praça, na parte inferior do desenho; assim ele dá destaque ao seu lugar de brincar.

Desenho 9 – Brincando de Futebol



Fonte: Desenho produzido pela criança 9 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

No comparativo da gravura com a paisagem real (figura 6), observamos que os aspectos cartografados desenhados pela criança são bem parecidos com a paisagem real, como os formatos em círculos presentes na arquitetura da praça, evidenciando, assim, uma memória afetiva por este lugar de brincar.

Podemos observar que a criança 9 cartografa essa paisagem a partir de uma visão vertical, de cima para baixo. Quando perguntamos por que a escolha desse lugar, ele responde que vai frequentemente para a praça, no período da tarde, para brincar com o irmão e que, às vezes, brinca com outras crianças; também acrescentou que sempre vai à praça com um responsável.

Perguntamos sobre o que a criança 9 sentia quando estava neste lugar, ele respondeu “animado, divertido, querendo brincar com alguém.” Logo em seguida, perguntamos se ele estava no desenho, ele respondeu: “Sim. eu, meu irmão e os meninos que fazem exercícios físicos. Estou brincando de bola com o meu irmão.” Além do irmão e dos praticantes de educação física, ele traz no seu desenho um

amigo que está no escorrega e sua mãe que o está acompanhando; o irmão dele não está aparecendo no desenho.

Destarte, ao falar em espacialização infantil, é importante levar em consideração que a noção de cartografia é desenvolvida pela observação e vivência, assim, enfatiza Castrogiovanni (2012, p.35) “partir da família é possível criarmos um conjunto de relações e transferi-las, posteriormente, para estudo de espaços mais complexos.”

As cartografias imaginadas nas memórias da infância vêm do espaço vivido não só pela troca de experiências e sentimento de pertencimento gerado pelo meio, mas também ocorre a partir da convivência com as pessoas que fazem parte dessa construção espacial, ou seja, é um desenvolvimento em conjunto, e a família é a primeira instituição social a contribuir para esse conhecimento.

Neste sentido, a criança 9 trata sua paisagem brincante assim como as demais, através dos sentimentos motivados pelo ato de brincar, visto que a paisagem é sentir-se e perceber-se como ser-mundo.

### ***5.3.1 Uma outra perspectiva sobre a praça de Cruz de Rebouças***

A criança 4 também traz a praça de Cruz de Rebouças (Figura 7) que ele denomina como parque. Geralmente, em dias de comemorações e festividades como Dia de São João, Dia das Crianças e Natal, a prefeitura do município de Igarassu coloca outros brinquedos na praça, como: pula-pula, piscina de bolinha e roda gigante. Assim, na visão da criança, por ter uma diversidade de brinquedos no local, a praça acaba se tornando um parque.

Na paisagem apresentada pela criança 10 (Desenho 10), são destacados os objetos de brincar como o escorrega, o balanço e a quadra de futebol. Ela destaca também pessoas nesse espaço, visto ser a praça um local de encontro e recreação. Assim, compreendemos que esta outra percepção sobre a praça se dá a partir do ponto de vista cartográfico, em uma perspectiva oblíqua, em um plano horizontal e vertical.

## Desenho 10 – Parque de Cruz de Rebouças



Fonte: Desenho produzido pela criança 10 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Neste sentido, perguntamos para ele o porquê da escolha desse local e ele nos responde que geralmente vai para a praça. Logo, perguntamos como ele se sentia quando estava neste lugar e tivemos como resposta: “Feliz”. Na última pergunta, questionamos se ele estava no desenho e tivemos como resposta “sim”; ele acrescenta que está brincando de pega-pega com seu amigo e primo. A construção espacial e cognitiva deve ser realizada por pares, por isso o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, na formação de identidades, onde ao mesmo tempo em que são individuais, são coletivas.

#### **5.4 As territorialidades das infâncias: ruas como quintais para brincar**

A rua é um local de encontros e partidas, a partir dela encontramos o caminho para chegar em nossas moradias; é uma via constituída por carros, casas, prédios, jardins e quintais. É assim que muitas pessoas enxergam as paisagens de suas ruas, como um caminho para chegar a algum destino final. No contexto da infância, a rua é ressignificada tornando-se seu espaço vivido: são lugares transformados em seu imaginário onde se formam grandes quintais de brincar.

A rua como quintal é um lugar de socialização entre os pares, onde as infâncias expandem suas noções espaciais adquiridas pelas manifestações lúdicas geradas na vivência do espaço em movimento. Neste sentido, para Lopes (2018, p.210), “todo espaço geográfico é uma expressão construída na vida e de onde a vida se origina, relação da qual as crianças não estão fora.” Compreendemos, então, que deve haver uma reconfiguração do urbano para se adequar às necessidades das crianças, mais que isso, que o olhar infantil pode melhorar esse espaço urbano.

##### **5.4.1 Rua Canário do Império**

Ao perguntarmos sobre o lugar de brincar representado no (Desenho 11), a criança 11 respondeu que desenhou a sua rua que se chama Rua Canário do Império (Figura 7), localizada no bairro Umbura. A projeção da paisagem da criança 11 foi realizada a partir de uma visão oblíqua em um plano horizontal e vertical, que deu destaque ao prédio e à árvore.

Observamos na paisagem real, que essa rua é caracterizada por vegetações arbustivas, este é um dos aspectos que a estudante irá ressaltar durante a entrevista realizada. Consideramos, ainda, que as ruas são locais para se pensar as suas diferentes utilidades, nesta perspectiva, diz Alves e Souza (2015, p. 280): “o espaço visto aqui vai além dos limites das fronteiras físicas, do concreto, mas permeia a leitura do cotidiano, construído historicamente, por meio de nossas relações.”. Fazendo um comparativo de leituras cotidianas, concluímos que para o adulto a rua compõe o seu lugar de descanso e afeto; para a criança, é um lugar a ser explorado e onde se constroem relações sociais e culturais.

Figura 8 – Rua Canário do Império

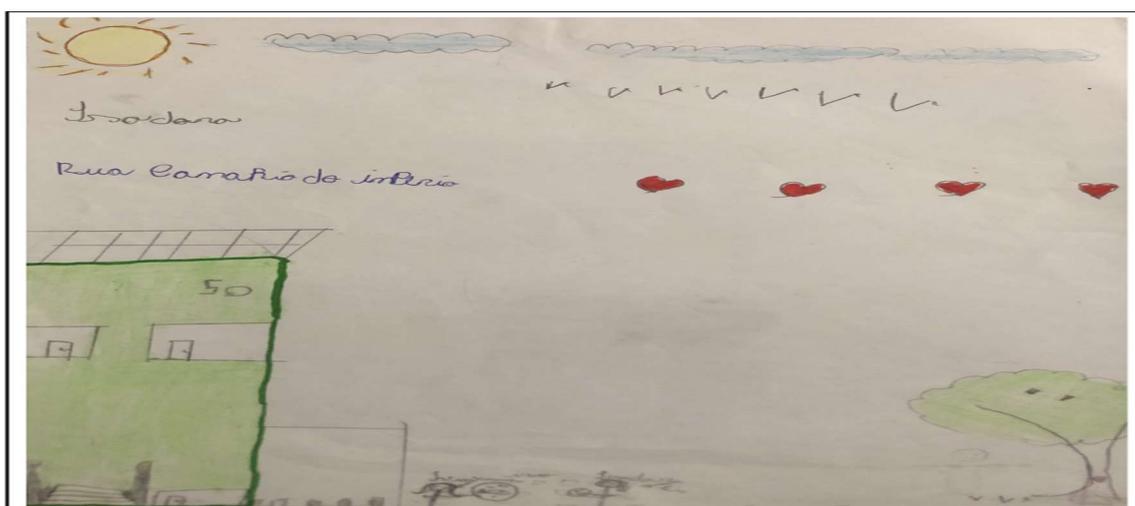


Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Rua Canário Império – Igarassu, Umbura – PE, Brasil.

Na entrevista, ela nos contou que escolheu representar esta paisagem brincante por gostar muito de brincar na sua rua, que lá ela tem várias amigas. A criança 11 aproveitou a entrevista para nos falar das brincadeiras de que mais gosta de brincar com seus vizinhos e amigos, que são: brincar de bola, vôlei, pular corda e brincadeiras inventadas.

Desenho 11 – Brincando de bola



Fonte: Desenho produzido pela criança 11 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Assim, podemos observar que o lúdico e o espaço geográfico estão relacionados um ao outro, vista, assim, a recreação como uma ferramenta que desafia a criança a criar e recriar seus lugares. Continuando a entrevista, perguntamos como ela se sente neste lugar, tivemos como resposta: “sinto uma energia boa e fico muito alegre”; na última pergunta sobre o desenho cartografado, ela nos diz que desenhou a sua casa, que lá ela possui plantas e árvores; disse também que se desenhou brincando de bola com a sua irmã, que cada uma tem a sua bola. Todos esses aspectos da paisagem foram apresentados no seu mapa da paisagem de brincar. O que chama atenção no desenho da criança 11 é a forma como ela expressa carinho e afeto com esse lugar por meio do desenho de corações.

#### **5.4.2 Rua dos Lírios**

Ao desenhar a rua na sua paisagem brincante, a criança 12 revela as territorialidades da infância nos espaços urbanos, visto que esses locais estão cada vez mais delimitados. Perguntamos à criança 12 que lugar ele escolheu para representar na sua paisagem, tivemos como resposta que essa rua está próxima à casa dele.

Figura 9 – Rua dos Lírios



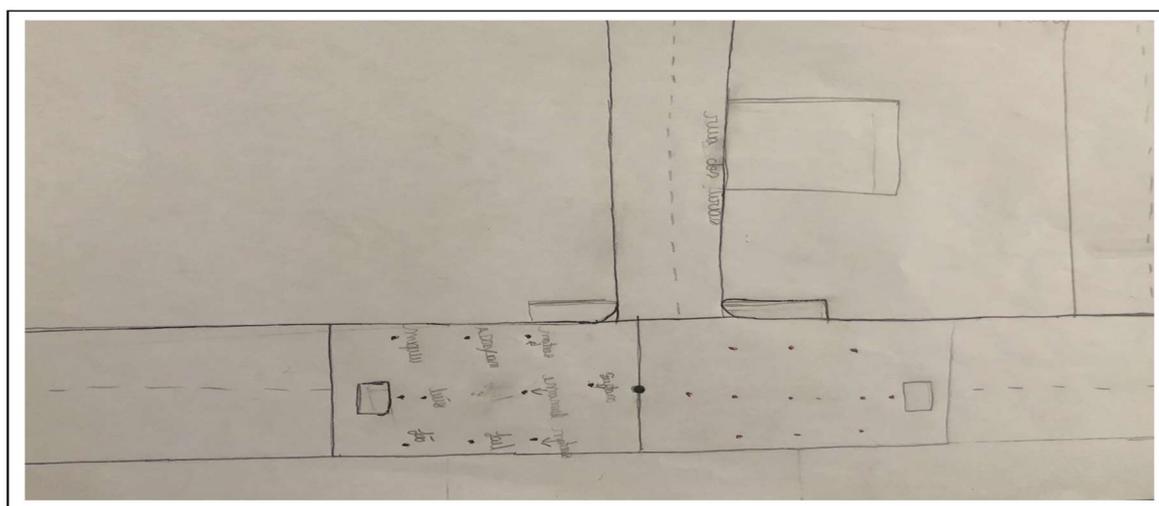
Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Rua dos Lírios – Igarassu, Jardim Boa Sorte – PE, Brasil.

Ele disse que escolheu a Rua dos Lírios (figura 9), porque é um local de encontro com os seus amigos e vizinhos; é um lugar em que ele sempre brinca nos fins de semana, além de ser o caminho para ir para a escola. Ele acrescenta que todo mundo que mora na rua se conhece.

Na paisagem apresentada pela criança 12 (Desenho 12), podemos identificar suas noções de espacialidade; essa paisagem é expressa em forma de mapa de localização, no qual o autor do desenho traça as ruas e a localização da sua territorialidade a partir do jogo de futebol.

Desenho 12 – Jogo de Futebol



Fonte: Desenho produzido pela criança 12 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Ademais o seu mapa é apresentado a partir de uma visão vertical, ou seja, de cima para baixo; podemos observar que o autor no seu desenho retrata a Rua Jardim Boa Sorte, que o direciona; a escola está mapeada no sentido oposto ao real. Ao desenhar essas ruas, o próprio autor falou que mapeou as vias em sentidos contrários, porque era a única forma como ele conseguiria representar este lugar. Podemos observar na Figura 8 que a rua utilizada pelo estudante está direcionada para a direita, quanto o seu lugar de brincar é a via principal.

Além disso, ele destaca o nome das crianças que fazem parte do seu time de futebol, o que torna a análise do desenho mais interessante. Perguntamos onde estavam as outras crianças do time oposto, ele disse que não as desenhou;

visualizando o desenho, observamos que as outras crianças estão sendo representadas por pontos.

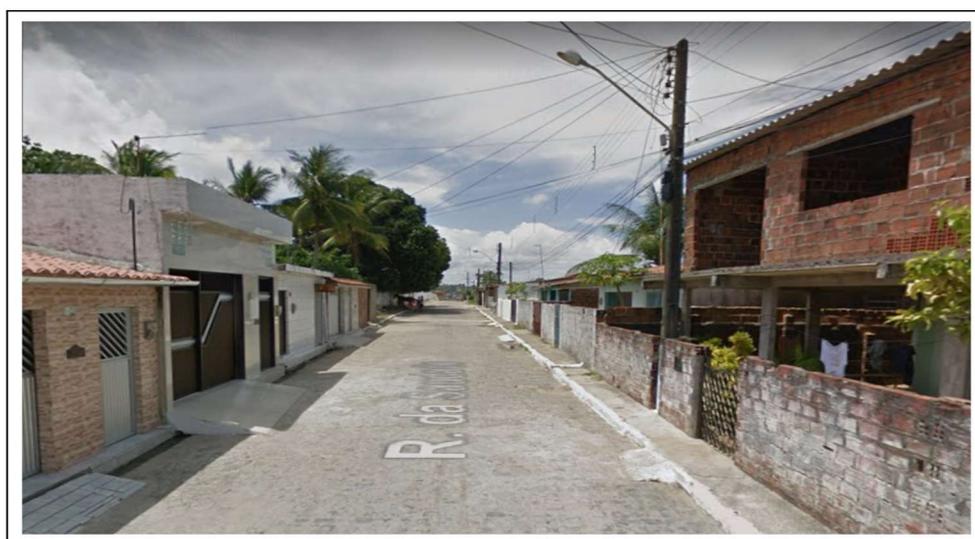
A paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e cujo mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o ambiente (Cosgrover, 1998, p. 223).

A subjetividade nas representações das paisagens expõe os diferentes pontos de vista a depender do contexto socioespacial vivido; dessa forma, a paisagem desempenha o papel de demonstrar uma vasta pluralidade de identidades e aprendizados.

#### **5.4.3 Rua da Saudade**

A criança 13 também representou na sua paisagem a rua em que mora (figura 9) como um dos seus locais preferidos para brincar. Na sua cartografia, observamos que o Desenho 13 está apresentado no plano horizontal, sob uma perspectiva oblíqua.

Figura 10 – Rua da Saudade



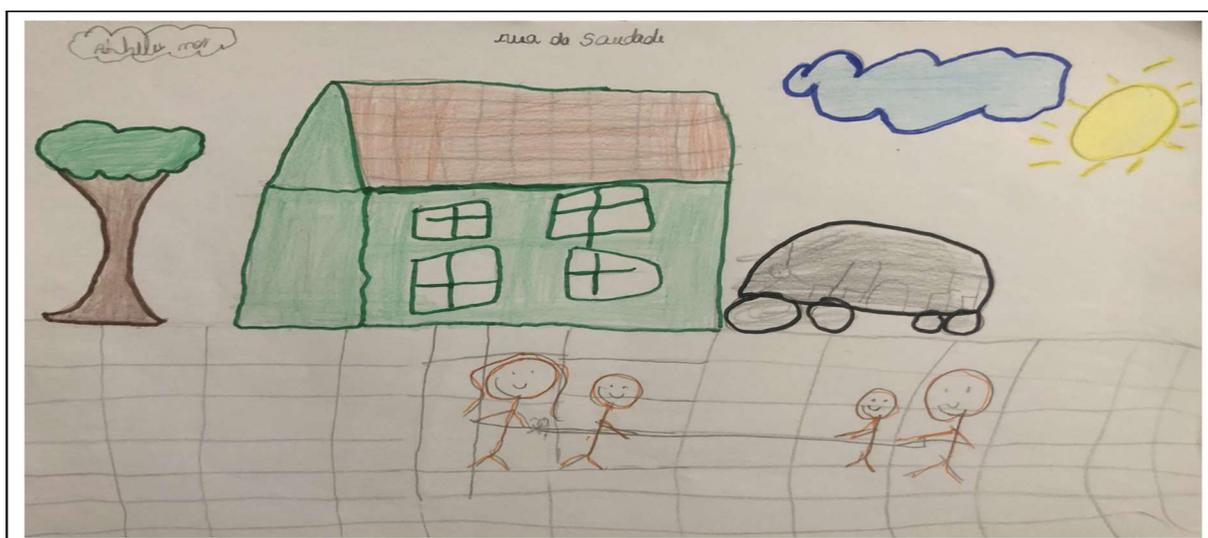
Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Rua da Saudade – Igarassu, Umbura – PE, Brasil.

A autora do desenho apresenta as dimensões dos elementos que compõem a sua paisagem, como o carro, a casa e a árvore. Ela destaca esses componentes nos traços e formas, representando-os em uma proporção maior.

Assim, perguntamos para a criança 13 qual lugar ela decidiu representar como paisagem brincante, ela respondeu: “a rua da minha casa”; em seguida, perguntamos por que ela escolheu representar esse lugar e a autora da gravura nos conta que sempre brinca nesse espaço com amigos e primos, pois se diverte muito. Quando perguntamos sobre o sentimento dela com esse espaço, tivemos como resposta que o sentimento é de aconchego, que fica à vontade, pois sempre viveu nesta rua.

Desenho 13 – Brincando de cabo de guerra



Fonte: Desenho produzido pela criança 13 (2023).

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

A criança 13 acrescenta sua fala nos contando que, além da rua, seus amigos brincam na casa dela, de vez em quando. Por fim, ao ser questionada sobre as crianças que estão representadas na gravura, ela diz que se representou no desenho, que está com a sobrinha mais nova, sua prima e um vizinho, brincando de cabo de guerra.

Entendemos, assim, que as espacialidades ocorrem de forma externa ao indivíduo, no permitir à criança a exploração de suas territorialidades. Neste sentido as ruas são vistas como locais democráticos nas quais as crianças encontram uma

diversidade de sujeitos culturais que interagem socialmente entre si e atribuem valores um ao outro na troca de experiências. Como afirmam Alves e Souza:

Ao perceber as crianças como agente do espaço geográfico, e suas infâncias no constructo dele, estamos agregando em sua participação social, elementos de sua história de vida e seus laços de vivência, ou seja, dando a ela o seu papel no mundo (Alves; Souza, 2015, p.281).

#### **5.4.4 Rua do Meio**

A criança 14 também representou uma rua próxima da sua casa (figura 11) na sua paisagem de brincar; cartograficamente, o autor destacou esse cenário a partir de uma perspectiva vertical em uma escala menor, com menos detalhes. O verde do desenho representa o CIPOMA, (Companhia Independente de Policiamento e do Meio Ambiente) que fica próximo da rua da sua casa. O CIPOMA possui um campo de futebol que pode ser utilizado por escolas, para campeonatos, e pela comunidade, por isso ele o destaca na sua paisagem.

Figura 11 – Rua do Meio



Fonte: Google Mapas (2023).

Local: Rua do Meio – Igarassu, Cruz de Rebouças – PE, Brasil.

No decorrer da entrevista, ele falou que além de desenhar a rua em que brincava, desenhou outra rua, que é o caminho para ir pra escola, localizada na parte

inferior do desenho. Podemos observar, que o autor desenvolve lateralidade ao descrever os elementos espaciais como ruas e casas na sua gravura. Ao ser questionado sobre por que escolheu representar esse local, a criança 14 nos falou que gosta muito de brincar nessa via, e complementou: “solto pipa e ando de bicicleta”.

Desenho 14 – Brincando de pipa na rua



Fonte: Desenho produzido pela criança 14.

Local: Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira – Igarassu, Santa Maria – PE, Brasil.

Perguntamos como ele se sentia nesse lugar e ele nos respondeu: “Gosto. Fico muito feliz de brincar com os meus amigos.”. Por fim, voltamos ao desenho e questionamos se ele estaria na pintura. Ele nos respondeu que estava, sim, juntamente com um amigo da sua turma soltando pipa na rua acima e outros dois amigos, seu irmão e seu melhor amigo, estariam subindo a rua que está localizada na parte central do desenho, para se encontrarem na Rua do Meio e brincarem de pipa.

As ruas tornam-se grandes quintais de brincar, onde as infâncias se encontram e se desenvolvem especialmente. No que esclarece a Geografia da Infância, os territórios da infância devem permitir a experimentação por meio do vivido, assim, explica Lopes (2013, p. 287): “o desenvolvimento dos sentidos, associados ao ato motor, que irá proporcionar cada vez mais uma consciência de si e do mundo que a envolve.” O brincar é um canal para a cidadania e socialização dos sujeitos brincantes.

No item 6 apresentamos as considerações finais e reiteramos a importância do letramento e da cartografia tanto no ensino como na construção espacial e social das crianças. Também tratamos das perspectivas futuras em relação a essa pesquisa e a

Geografia da Infância, e faremos uma avaliação dos resultados desse estudo em relação com os objetivos propostos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia da Infância nos revela a importância da construção espacial infantil nos seus diversos contextos, mostrando que cada criança é desenvolvedora de suas próprias capacidades de interpretação de mundo, do fazer geografia em suas perspectivas. Na vivência, esses espaços são transformados a partir das lentes desses sujeitos brincantes, cuja formação tem como base suas vivências sociais.

Ao fim das atividades e das intervenções realizadas na sala de aula do 5.º ano, podemos afirmar que os estudantes entenderam o significado da paisagem e do lugar. Agora eles compreendem que tudo o que veem e sentem se torna paisagem. Nos exemplos dados por eles mesmos ao término das duas intervenções, quando perguntados sobre o que seria a paisagem trouxeram: a sala, a rua, a casa e o mercado. Esses saberes foram construídos no decorrer das intervenções desta pesquisa juntamente com a professora pedagoga, em que os conteúdos da matriz curricular de Geografia do 5.º ano, da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, se inter cruzaram com a nossa pesquisa.

Outrossim, os locais evidenciados nas gravuras das crianças nos mostram que as paisagens e os lugares de brincar geralmente estão situados geograficamente próximo a esses sujeitos que demonstram os laços afetivos do indivíduo com o lugar. Avaliamos que as cartografias afetivas da cidade, expressas nos desenhos, explicitam que a dimensão do ato de brincar vai além dos sentimentos que são transmitidos nesta ação. Neste sentido, o brincar deve ser visto como instrumento didático-pedagógico investigativo em que, por meio dele, podemos explorar as dinâmicas espaciais infantis.

Esta pesquisa é uma contribuição para o aprofundamento nos estudos da Geografia da Infância, uma vez que expande as investigações e trazem relevância no que diz respeito à visibilização das espacializações infantis. É preciso trazer a Geografia da Infância para novas localidades, pois quando entendemos o espaço infantil, nos tornamos leitores das geografias em um contexto plural. São novas visões de mundo que ressignificam e transformam nosso olhar para construir um mundo melhor, mais afetivo.

Durante a análise dos dados, podemos notar que nenhum dos estudantes retrataram ou fizeram denúncias sobre pontos negativos, seja nos seus mapas das

paisagens, seja nos seus mapas das paisagens do brincar. As crianças não revelam os problemas estruturais urbanos dos lugares nas paisagens que representaram. Como, por exemplo, o lixo nas ruas; algumas ruas retratadas também não são pavimentadas, alguns brinquedos da praça de Cruz de Rebouças não estão disponíveis por falta de manutenção. Então, como esses aspectos não foram reportados nos seus desenhos e não foram abordados durante a coleta de dados, entendemos que o olhar infantil apreende a experiência de brincar como algo que está além dos problemas, talvez se nossa pergunta fosse: “desenhe o que precisa melhorar nos espaços em que vocês brincam”, tivéssemos desenhos que mostrassem esses problemas; no entanto, só uma pesquisa futura poderia responder essa pergunta. Essa mesma questão diz respeito a temas como meio ambiente, lazer, felicidade, entre outros. Os espaços de brincar das crianças podem revelar muitas paisagens.

Assim, ao pesquisar as Geografias da Infância, constatamos que a criança como sujeito histórico-cultural é provedora de sua própria geografia que nessa etapa da vida se dá pelos afetos ao lugar, à paisagem, ao território e ao espaço geográfico expressados a partir do brincar. Esses afetos, a depender do método investigativo, podem ser analisados nos desenhos, na construção de mapas, nas imagens, no teatro ou na música, ou seja, por meio do lúdico, do espontâneo, visto que o lúdico não é somente as atividades realizadas em sala de aula de forma descontraída; ele está presente no dia a dia dos sujeitos, nas vivências, nos laços afetivos com pessoas e lugares, pois tudo que é espontâneo tem grandes possibilidades de ser lúdico, e essa ludicidade e espontaneidade se expressam no espaço geográfico, a arena infantil do brincar. Neste sentido, o letramento também é geográfico, porque não é possível ler a palavra se esta palavra não for o mundo em que vivemos.

Discutimos e vivenciamos o conceito de paisagem a partir do olhar das crianças; identificamos as paisagens afetivas das crianças do 5.º ano da escola parceira e concluímos que através das gravuras apresentadas, conseguimos mapear os locais expressos pelos alunos, a partir de seus afetos. Finalmente identificamos uma nítida relação entre a internalização da paisagem e o ato de brincar. A conexão entre esses elementos sociais e espaciais ocorreram por meio do lugar. O lugar sempre esteve presente no decorrer deste trabalho, é por essa categoria da Geografia que são formadas as relações socioespaciais, e as percepções dos cenários vividos. Quando tratamos o lugar, a paisagem e o brincar compreendemos que as brincadeiras

podem ser vistas como um caminho a ser percorrido na infância para a construção cultural dos sujeitos, em todos os seus aspectos constituintes; respeitar essa constituição pode melhorar e muito as nossas relações sociais enquanto sociedade.

Por fim, a coleção das memórias na infância se revela nos lugares e são induzidas no convívio com um todo no qual se produz paisagem. O brincar é uma das vias que precisam ser percorridas para que os valores sociais sejam tecidos na construção política e cidadã dos sujeitos. Assim, os tecidos e memórias também nos mostram que os laços com o lugar são produtos dos afetos concebidos pelo espaço geográfico.

Entendemos, portanto, que as paisagens do brincar das crianças parceiras de nossa pesquisa, que foram manifestadas através dos desenhos do brincar, revelaram que o afeto, o lúdico e o espontâneo são marcas profundas construídas no espaço geográfico a partir de sua paisagem e de seu lugar.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. O.; SOUZA, M. Ítala A. A geografia nos anos iniciais: a leitura integrada da paisagem para a construção de conceitos dos conteúdos relevo-solo-rocha. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 277-299, jul/dez. 2016. Disponível em: A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: a leitura integrada da paisagem para a construção de conceitos dos conteúdos relevo-solo-rocha | Revista Brasileira de Educação em Geografia (revistaedugeo.com.br). Acesso em: 7 jul. 2023.

ARAUJO, Marlla Fabiola. **O desenho do lugar**: um estudo de caso com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim. 2020. 48 f. TCC (Graduação) - Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/283>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BESSE, J-M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.p. 12-28.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL, **Decreto nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012**. Dispõe sobre a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução. Brasília, DF: Governo do Brasil, 2012. Disponível em: [L12764 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acesso em: 22 jul. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **SciELO Brasil**, Campinas, vol. 25, n.66, p. 227-247, mai/ago. 2005. Disponível em: SciELO – Brasil – Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Acesso em: 13 jul. 2023.

CAMPOS, S. D. F. de *et al.* O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 275–285, 2017. DOI: 10.4322/0104-4931.ctoAO0820. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/996>. Acesso em: 6 abr. 2023.

CASTRO, L. R. de (org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**: da invisibilidade à ação de crianças e jovens na construção da cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.p.1-226. Disponível em: Crianças e Jovens na Construção da Cultura (ufrj.br). Acessado em: 11 jan. 2023.

CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R. Z. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos**: a alfabetização espacial. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.120, 2012.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: D. Gregory; R. Walford.(org). **Geography is everywhere**: culture and symbolism in the human Landscaps, em Horizons in human geografiphy. Londres: Macmillan. Paisagem, tempo e cultura. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 219-237.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro:UERJ, 2012. p. 219-237.

COSTELLA, Roselane Zordan ; ACAUAN, A. T. . Os saberes e os sabores do brincar com a Geografia na infância. *In*: Castrogiovanni, Antônio Carlos; TONINI, IVAINE MARIA; COSTELLA, Roselane Zordan; KAERCHER, N. A (Orgs). **Movimentos para ensinar geografia**: revoluções. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, v.5, 2021, p. 219-236. Disponível em: Os saberes e os sabores do brincar com a geografia na infância (ufrgs.br). Acessado em: 11 jan. 2023.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**.São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 1-208.

CUTI, Auriele Fogaça; NAOUMOVA, Natália. A paisagem como impulso para a interação social: percepção de moradores e visitantes no ambiente da cidade pequena. *In*: ENPOS, 21, 2019, Pelotas. **Anais [...]**.Disponível em: Repositório Institucional da UFPel – Guaiaca: A paisagem como impulso para a interação social: percepção de moradores e visitantes no ambiente da cidade pequena. Acessado em: 17 jan. 2023.

DANTAS, G. P. **O brincar no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Senac, 2017. p. 1-142.

DIMBARRE, Myrelle Cristina; SALEH, Pascolina Bailon de Oliveira. Identidade, letramento e dialogismo nas aulas de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental.**Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v.9, n.16, jan/jun. 2020. Disponível em: Identidade, letramento e dialogismo nas aulas de Língua Portuguesa do 5.º ano do Ensino Fundamental I | Revista Educação e Linguagens (unespar.edu.br). Acesso em: 12 jul. 2023.

Evangelista, Ariadne de Souza. **“Eu gosto de brincar, isso me faz feliz!”** Paisagens e vivências das crianças de Presidente Prudente (SP). Tese (doutorado). - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. 2020. Disponível em: LOCAIS PREFERIDOS: Revista Brasileira de Educação em Geografia (revistaedugeo.com.br). Acessado em: 10 jan. 2023.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. SP.**SciELO Brasil**. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: SciELO – Brasil – Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Acessado em: 21 out. 2022.

GUEDES, GBB; FERREIRA, VLC. Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista científica RCBSSP**, v.1, n.2. p.1-13, mar.2021. Disponível em: Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental (revistacientificabssp.com.br). Acesso em: 15 jul. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Malha Municipal. Brasília, DF:IBGE, 2021. Disponível em: w.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html. Acesso em: 16 jun. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE cidades. Brasília, DF: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/igarassu/panorama>. Acesso em: 16 jun. 2023.

LOPES, J. J. M. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias, MT. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n.49/1, p. 283-294, jul. 2013. doi: <https://doi.org/10.29286/rep.v22i49/1.915>. Disponível em: Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias | Revista de Educação Pública (ufmt.br). Acessado em: 18 nov. 2022.

LOPES, J. J. M.; PAULA, S. R. V. Exílios Espaciais, Geografia da Infância e Cidades: Quando Rios em Paredes Desaparecem. *In*: Marcia Gobbi; Maria Tereza Goudard Tavares. (Org.), RJ. **Pensar Infâncias na Cidade em Tempos de Pandemia**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 215-233. 2021. Disponível em: Pensar Infâncias na Cidade em Tempos de Pandemia - Nau Editora. Acesso em: 20 jan. 2023.

LOPES, J. J.M.; FERNANDES, M. L. B. . A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância, RS. **REVISTA EDUCAÇÃO (PUCRS. ONLINE)**, Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 201-211, mai/ago. 2018. Disponível em: A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância (fcc.org.br). Acesso em: 20 jan. 2023.

MACHADO ROCHA BUSCH PEREIRA, CAROLINA; MASCARENHAS, J. N. A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, RJ. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 12, p. 73-90, jul/dez 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/21889/19299>. Acessado em: 13 jan. 2023.

MARIA CECÍLIA PEREIRA UGALDE; ROWEDER, C. Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem, MG. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 6, p. 1-12, jun. 2020. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/992>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 1-109.

MACHADO ROCHA BUSH PEREIRA, CAROLINA; MASCARENHAS, J.N. A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental,RJ. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 12, p.73-90, jul/dez. 2016. DOI: 10.12957/tamoios.2016.21889. Disponível em: A PAISAGEM NO MUNDO DA CRIANÇA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. | Pereira | Revista Tamoios (uerj.br). Acesso em: 10 jul. 2023.

Pasqualini, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, PR.**SciELO Brasil**. v.14, p. 31- 40, mar.2009. Disponível em: SciELO - Brasil - A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. Acesso em: 02 mar. 2023.

QUEIROZ, Norma Lucia; BRANCO, A. C. U.; Maciel, D. A. Brincadeira e Desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista, SP. **SciELO Brasil**. Ribeirão Preto, v. 16, p. 169-179, ago. 2006. Disponível em: SciELO - Brasil - Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Acesso em: 18 mar. 2023.

Quintais Brincantes. Sobrevoos por vivências educativas brasileiras. Brasil, v.1, p. 01-110, mar. 2022. p.1-109. Disponível em: Quintais Brincantes – Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras (criancaenatureza.org.br). Acesso em: 01 mar. 2023.

RADVANSKEI, S. F. ; BACHMANN, V.S. Desenho na educação infantil: A importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização. Cadernos Cajuína,**Revista Interdisciplinar**, v. 3, p. 147-161, 2016. Acesso em: DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização | Santos | Cadernos Cajuína (cadernoscajuina.pro.br). Acesso em: 13 jan. 2023.

Rodríguez, Grécia; Albuquerque, Leonardo. A paisagem na vida das crianças e o modo de expressar cidadania. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto. (Org.) **Criança, Cidade, Cidadania**: atas do colóquio internacional. Guimarães, p. 90-100,agos/dez.2016.Disponível em: Universidade do Minho: Crianças, cidade, cidadania. Atas do colóquio internacional (uminho.pt) . Acesso: 19 mar. 2023.

SANDRONI, L. T. ; TARIN, B. Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais.. *In*: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Rio Grande do Norte. **Anais[.].** Natal: RBA, 2014. p. 01-18. Disponível em: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) - 065. Os estudos socioespaciais e a antropologia contemporânea: trajetórias, diálogos e cooperação (abant.org.br) . Acesso em: 14 jan. 2023.

SANTOS, Clézio dos. Desenhos e mapas no ensino de geografia: a linguagem visual que não é vista. **Geograficidade**, v. 3, p. 80-92, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12876>. Acessado em: 21 out. 2022.

SANTOS, Milton. **O espaço da Cidade**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.p 19 - 81.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças**: educação, culturas e cidadania ativa. *Perspectiva*, v.23, n. 1, p. 17- 40, 2005. Disponível em: Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho (fcc.org.br). Acessado em: 10 jan 2023.

SILVA, Silvia Heleny Gomes da; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz ; COSTA, Otávio José Lemos. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. **GEOSABERES REVISTA DE ESTUDOS GEOEDUCACIONAIS**, v. 10, p. 1-22, 2019. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/696>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SOUZA, Maria Aparecida Farias de; CARDOSO, Poliana Maciel dos Santos. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil**. 2022. 59 f. TCC(Graduação) - Instituto Federal do Amapá, Porto Grande,2022. Disponível em: Repositório do Instituto Federal do Amapá: A importância do brincar no desenvolvimento infantil (ifap.edu.br). Acessado em: 19 mar. 2023.